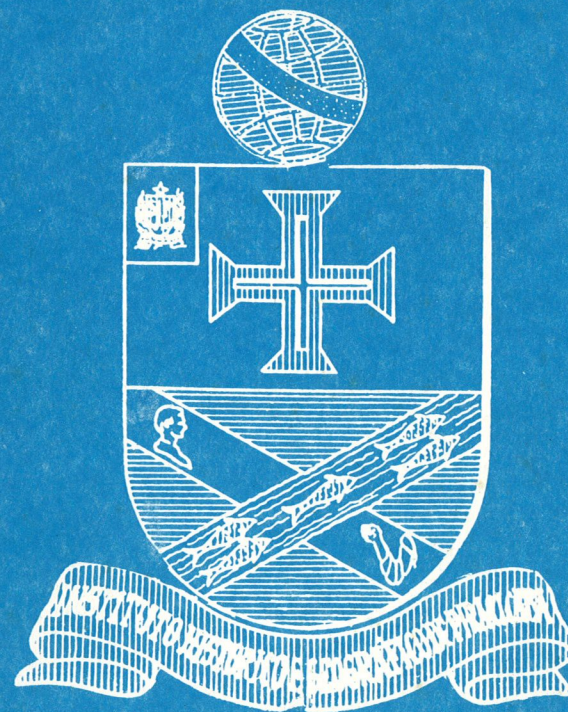


ELIAS SALUM



MEMÓRIA DOS

1967

20 ANOS


IMPRESA OFICIAL
DO MUNICÍPIO DE
PIRACICABA - SP - BRASIL

ADMINISTRAÇÃO ADILSON MALUF-ANTONIO FAGANELLO



COMUNIDADE · PARTICIPAÇÃO · TRABALHO



O INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE PIRACICABA

FOI DECLARADO DE UTILIDADE PÚBLICA

- 1) Pela Prefeitura do Município de Piracicaba através do Decreto nº 748, de 6 de novembro de 1968.

— — o0o — —

- 2) Pelo Governo do Estado de São Paulo, através da Lei nº 368, de 22 de julho de 1974.

— — o0o — —

- 3) Atualmente, prepara documentação para se inscrever no Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas de Natureza Cultural do Ministério da Cultura, em obediência à Lei Federal nº 7.505, de 2-7-86.

À MARIA ALICE, esposa dedicada e aos meus filhos ELIANA e ANDRÉ pela colaboração nas pesquisas.

FOTOS DE:



Estudio Fotográfico

Ao Dr. ANTONIO HENRIQUE C. COCENZA os agradecimentos pela revisão do texto.

AGRADECIMENTOS

Este livro foi impresso com papel fornecido pela Indústria de Papel "Piracicaba" (Grupo Simão). IPP — Empresa que orgulha o complexo industrial de Piracicaba.

Aos senhores EUCLÉSSIO BOSCARIOL, JOSÉ OSMIR BERTAZZONI, e JOÃO CARLOS DELLA VALLE pelo apoio e desvelo na elaboração deste.

Tiragem: 1.000 exemplares

<i>INDICE</i>	<i>PG</i>
<i>Introdução.....</i>	<i>06</i>
<i>Prefácio.....</i>	<i>08</i>
<i>Homenagens Especiais.....</i>	<i>11</i>
<i>I.H.G.P. Síntese Histórico.....</i>	<i>13</i>
<i>Quadros das Diretorias de 1968 a 1987.....</i>	<i>19</i>
<i>Quadro de Socios "Titulares" até o ano de 1986....</i>	<i>25</i>
<i>Quadro de Sócios Honorários até o ano de 1986....</i>	<i>27</i>
<i>Sócios "Correspondentes".....</i>	<i>28</i>
<i>Relação dos Novos Sócios do I.H.G.P. (1987).....</i>	<i>29</i>
<i>Patronos.....</i>	<i>30</i>
<i>Quadro dos Presidentes do I.H.G.P.....</i>	<i>32</i>
<i>Medalha de Mérito.....</i>	<i>34</i>
<i>Regulamento Lei 2.122.....</i>	<i>37</i>
<i>Laureados com a Medalha de Mérito "Prudente de Moraes".....</i>	<i>39</i>
<i>Agraciados com o Diploma "I.H.G.P. 20 Anos".....</i>	<i>41</i>
<i>Doações.....</i>	<i>43</i>
<i>Certidão.....</i>	<i>45</i>
<i>Decreto Municipal 748.....</i>	<i>46</i>
<i>Hino do I.H.G.P.....</i>	<i>47</i>
<i>Hino de Piracicaba.....</i>	<i>48</i>
<i>Um Grande Sodalício Cultural.....</i>	<i>49</i>
<i>A Casa do Povoador.....</i>	<i>54</i>

2ª PARTE

<i>Um Pouco da História de Piracicaba.....</i>	<i>58</i>
<i>Bonde: Localização e História.....</i>	<i>60</i>
<i>A Fundação de Piracicaba.....</i>	<i>64</i>
<i>Apontamentos Históricos.....</i>	<i>84</i>
<i>Estado Presentes - Piracicaba.....</i>	<i>93</i>
<i>Brasão e Armas da Cidade.....</i>	<i>99</i>
<i>Bandeira do Município.....</i>	<i>101</i>

1ª PARTE

**IHGP
MEMÓRIA DOS
20 ANOS**

1987

INTRODUÇÃO

Ao assumirmos a presidência do IGHP em 1986, apesar dos inestimáveis esforços dos presidentes que me antecederam, notamos a necessidade de uma ordenação e organização para a guarda e melhor manuseio do precioso acervo existente.

Reconduzido pela segunda vez à presidência em 1987, sentimos que a missão e responsabilidade haviam sido redobradas: pelo crescimento do sodalício, pelos desafios à vista, pela exigência cultural de nosso povo, como obtenção de uma sede própria, edição de três livros, ampliação do quadro de sócios, reforma dos estatutos, estímulo à criação de outras congêneres na região, envolver a mocidade em pesquisas históricas, recolher e requisitar os remanescentes históricos de nossa gente e de nossa terra, etc. mesmo contando com uma verba municipal aquém do necessário e programar a comemoração condigna da passagem do 20º aniversário de fundação do IHGP, marcada para novembro deste ano.

Além de tudo, o consagrado sodalício não contava com nenhum livro que falasse de seu desenvolvimento histórico, motivo porque fomos tomados por uma dose de estímulo e partimos ousadamente para o trabalho de pesquisa, levantamento de dados e busca de fontes de informações para oferecer-lhes esta obra, dividida em duas partes que, se não completa, pelo menos que se aproxima da realidade e do desenvolvimento do "Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba", nestes 20 anos de existência.

Não foi nossa intenção esgotar o assunto, mas oferecer uma obra (que poderá vir a ser enriquecida com o pas-

sar do tempo), bem como, na parte II, reproduzir, na sua originalidade, alguns fatos históricos relatados por proeminentes autores, contidos no "Almanak" para o ano de 1900, que se prestam para homenagear Piracicaba no seu 220 anos de vida e como fonte histórica aos estudiosos e pesquisadores.

Esperamos, assim, que este modesto trabalho seja o marco inicial de outras obras mais completas sobre o IHGP.

Piracicaba, novembro de 1987
O Autor

PREFÁCIO

Criado há vinte anos, o Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba forma hoje na trincheira das mais atuantes agremiações do gênero em todo o Brasil.

Particularmente, em Piracicaba, sua atuação vem correspondendo aos objetivos colimados em sua fundação e contemplados em seus Estatutos, mercê da atuação firme, decidida e perseverante de todos aqueles que presidiram os destinos da entidade, devidamente prestigiados pelos membros que compõem este sodalício.

A presença do I.H.G.P. é uma constante em todos os movimentos culturais da cidade, alguns deles da própria iniciativa da agremiação, como o de registrar para a posteridade a vida, de Piracicaba desde suas origens até nossos dias. Farta documentação bibliográfica, copioso arquivo de fotografias, o grande acervo de objetos que lembram nossa cidade compõem a parte documental do Instituto e os livros que enriquecem sua biblioteca traduzem o interesse de se manter viva a cultura e a história da cidade. Visitado hoje por centenas de pesquisadores, sendo a grande maioria oriunda de outras cidades, o I.H.G.P. vem cumprindo galhardamente sua destinação histórica prestando relevantes serviços aos historiadores e estudiosos de nossas tradições.

A par disso, porém, o Instituto, parece, descurou-se de si mesmo, e não contava com um registro escoreito, compacto, acessível de sua própria história. Publicando várias obras de fundo informativo sobre sua cidade-sede, nada havia que pudesse servir de fonte para um estudo da própria entidade.

Coube, então, ao Prof. Elias Salum, um dos mais atuantes presidentes da entidade, o árduo trabalho de esmiuçar todos os livros, todos os registros, todos os apontamentos, que dissessem respeito ao Instituto e, coli-

gindo tudo, num esforço hercúleo e, portanto, valiosíssimo, compor o presente trabalho que hoje é dado à apreciação não só dos membros do sodalício, mas de todos quantos se interessem pela história de nossa cidade, da qual a Instituto é parte integrante e essencial.

De parabéns, pois, Piracicaba e seu Instituto Histórico, de parabéns o Prof. Elias Salum. Piracicaba, porque vê enriquecida a sua história; o Instituto porque pôde continuar cumprindo o seu desiderato, e o Prof. Elias Salum, presidente das duas últimas gestões da agremiação por ter conseguido produzir uma obra que vem coroar todo o seu esforço e dedicação à frente dos destinos da entidade.

A. Henrique C. Cocenza

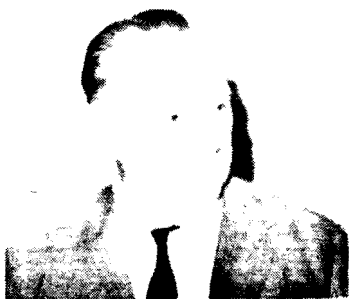
do IHGP, APL, UBE, CODEPAC



Instalação e posse do Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba em 6-4-68. no gabinete da Prefeitura. da esquerda para direita: Com. Luciano Guidotti, Prefeito Municipal; Dr. Walter Ramos Jardim (discursando) e Dr. Frederico A. Blaauw, pres. do DMC.

Homenagens Especiais

ONTEM



**LUCIANO GUIDOTTI
PREFEITO FUNDADOR
DO IHGP**

Luciano Guidotti, Prefeito do Município de Piracicaba por duas vezes (1956 e 1964), destacou-se pelo seu espírito de luta e tirocínio administrativo.

Natural da cidade de Avaré, tornou-se cidadão piracicabano pelos trabalhos relevantes prestados à nossa terra.

Seu espírito empreendedor deu a Piracicaba o título de "Município mais progressista do Brasil".

Apesar de não possuir formação acadêmica, foi o **mentor** e construtor de muitas obras de âmbito educacional, cultural e filantrópico, como: início do Teatro Municipal, Pinacoteca Pública, Fundação Municipal de Ensino, dezenas de prédios escolares, Estádio Municipal de Esportes, Centro de Reabilitação, instalação do Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba, etc.

Durante os anos em que residiu neste município, demonstrou através de numerosos atos de benemerência e, também, por uma administração profícua e grandiosa, o seu amor para com a terra que o acolheu. As obras de caridade, os asilos, as instituições piedosas, a religião e a cultura encontraram sempre em sua senhoria um incentivador e um amigo.

HOJE



ADILSON BENEDITO MALUF
PREFEITO MUNICIPAL

O engenheiro Adilson Benedito Maluf é Prefeito da cidade de Piracicaba pela segunda vez, eleito nas duas oportunidades pelo PMDB. Casado com D^a Rosa Maria Bologna Maluf, tem dois filhos.

Seu trabalho à frente da Prefeitura Municipal de Piracicaba é feito baseado principalmente no trinômio — saúde, educação e promoção social.

Seu programa de governo é desenvolvido de forma participativa com os diversos segmentos da sociedade piracicabana, dentro do lema “Comunidade-Participação-Trabalho.”

O apoio que o Prefeito Adilson Benedito Maluf presta ao IHGP o fez merecedor desta homenagem. Além do incentivo às inúmeras iniciativas da entidade, foi o autor da Lei Municipal nº 2.122, que instituiu a Medalha de Mérito “Prudente de Moraes”, em 1974, outorgada pelo Instituto às personalidades que se destacam no âmbito histórico, cultural e científico de Piracicaba e do país.

I.H.G.P.

Síntese Histórica

Nascido por ocasião do "Simpósio de Estudos Piracicabanos", realizado como uma das comemorações do 2º Centenário de Fundação da Cidade de Piracicaba, completa o I.H.G.P. seu 20º aniversário de existência.

O Departamento Municipal de Cultura, integrado pelos pioneiros Dr. Walter Ramos Jardim, Dr. Frederico Alberto Blaaw e Dr. Francisco Silva Caldeira, houve por bem atribuir a uma comissão a incumbência de organizar o I.H.G.P. de nossa terra, que se constituía numa antiga aspiração de intelectuais e amigos da cidade, cuja semente fora lançada pelo prof. Flávio Moraes de Toledo Piza em época anterior e que não vingou naquela ocasião. Ficou essa comissão assim constituída: Archimedes Dutra, Jair Toledo Veiga e Flávio Moraes Toledo Piza. A 12 de janeiro de 1968, fez-se publicar os Estatutos do I.H.G.P. no Diário Oficial do Município.

O Departamento Municipal de Cultura e a Comissão Organizadora convidaram doze pessoas para formarem o primeiro grupo de sócios, os quais foram empossados pela Presidência do D.M.C., cabendo-lhes eleger a primeira Diretoria, cujo mandato terminou em 4 de outubro de 1968.

Fizeram parte desse primeiro grupo as seguintes personalidades: Acary de Oliveira Mendes, Alberto Thomazi, Antonio Messias Galdino, Edmar José Kiehl, Felisberto Pinto Monteiro, Fortunato Losso Netto, Francisco Go-

doy, Guilherme Vitti, Jaçanã Altair Pereira Guerrini, Joaquim do Marco, Leandro Guerrini e Marly Terezinha Germano Percin.

Aceita a comissão, o D.M.C. marcou a reunião que se realizou no gabinete do Prefeito Luciano Guidotti, numa solenidade singela, mas significativa para o universo cultural da "Noiva da Colina", quando fizeram uso da palavra o Dr. Walter Ramos Jardim; Prof. Leandro Guerrini; Dr. Hugo de Almeida Leme e Dr. Felisberto Pinto Monteiro.

O prof. Flávio Moraes de Toledo Piza, o secretário que lavrou a primeira ata do nóvel sodalício, leu os Estatutos que até hoje regem os destinos do IHGP ficando, assim, aprovado o primeiro documento desta instituição, lavrado em 06 de abril de 1968, naquela memorável reunião oficial, que contou com a assinatura de todos os presentes: Luciano Guidotti, Flávio Moraes de Toledo Piza, Walter Ramos Jardim, Frederico Alberto Blaaw, Jaçanã Altair Pereira Guerrini, Marly Terezinha Germano Percin, Acary de Oliveira Mendes, Alberto Thomazi, Antonio Messias Galdino, Edmar José Kiehl, Jair Toledo Veiga, Felisberto Pinto Monteiro, Francisco Godoy, Guilherme Vitti, Joaquim do Marco, Leandro Guerrini, Walter Radamés Accorsi, Hugo de Almeida Leme, Mario Stolf, Luiz Antonio Ruhnke, Archimedes Dutra, Elias Salum, Pedro Chiarini Netto, Jorge Antonio Angeli e uma ilegível.

Primeiramente, o Instituto iniciou suas reuniões e atividades numa das dependências do IPASP (Instituto de Previdência e Assistência ao Servidor Público da Prefeitura), na rua Prudente de Moraes, 373; depois, mudou-se para a rua Prudente de Moraes, nº 926; posteriormente, para o prédio da FOP (Faculdade de Odontologia de Piracicaba) na rua Alferes José Caetano, esquina da Rangel Pestana e, desde 1983, passou a funcionar numa das salas da Escola Estadual de Primeiro Grau "Prof. Elias de Melo Ayres", na rua João Sampaio, nº 666.

Hoje, a atual diretoria, após pleitear do Sr. Prefeito Municipal o antigo prédio da FOP, na rua D. Pedro I, esquina de Alferes José Caetano, luta junto à Prefeitura para desapropriação do prédio, da rua do Rosário, nº 546, que por muitos anos sediou a “Sociedade de Beneficência Portuguesa”, cujas providências continuam sendo aguardadas com muita expectativa, não só para agasalhar o I.H.G. como preservar esse patrimônio histórico de nossa terra, que marca o trabalho, a cultura e a presença fértil do povo português nos hábitos dos piracicabanos.

Atualmente esse sodalicio conta com respeitável acervo cultural ligado à memória de nossa terra. Entre peças e documentos históricos, reúne, aproximadamente, 3.500 livros, mercê da colaboração generosa e esclarecida da população “noivacolinense”, através dos quais, em exposição aberta aos pesquisadores e público em geral, relembram uma parte da vida municipal de outrora, destacando-se milhares de livros, editados pelo IHGP, de historiólogos piracicabanos: Leandro Guerrini, (“História de Piracicaba em Quadrinhos” — 2 volumes); Mário Neme, (“Histórias da Fundação de Piracicaba”); Guido Ranzani (“Subsídios à Geografia de Piracicaba”) “Revista Piracicabana” editada na gestão do então Prefeito Homero Paes de Athayde; Waldemar Iglésias Fernandes, (“Lendas e Crendices de Piracicaba”). Duas outras obras estão sendo preparadas e seus lançamentos para breve.

A primeira sobre “PATRONOS E VULTOS DE NOSSA TERRA”, trabalho que envolveu a Diretoria do IHGP, es-coteiros e alunos das escolas jurisdicionadas à Delegacia de Ensino local, e a segunda, “VIAGEM SENTIMENTAL NO RIO PIRACICABA”, do prof. Júlio Soares Diehl. Ambas compiladas e entregues à Imprensa Oficial, enquanto aguarda a liberação das verbas necessárias.

Fiel à sua missão — histórico-geográfica — o Instituto busca despertar e interessar, na pesquisa, análise e no estudo de suas origens históricas, os pesquisadores, e, principalmente, à mocidade das escolas, colocando à

disposição dos consulentes todo o seu acervo acumulado nestes 30 anos de profícua existência, durante a qual vem espargindo luz e conhecimentos, voltados a um objetivo maior: o de preservar a memória de Piracicaba. Propicia ambiente e condições de pesquisa, visitas constantes dos estudantes, escoteiros e mocidade interessada, além de promover palestras durante as reuniões ordinárias, no período do "Tempos de Estudos" instituído ultimamente, certames que mobilizaram alunos e professores, instituições e associados, órgãos públicos-particulares e seus colaboradores, nascendo daí intenso e fecundo intercâmbio entre as partes envolvidas e o I.H.G.P.

Entre as grandes iniciativas do IHGP que ainda ecoam no seio da comunidade piracicabana: os preparativos para a recuperação de bondes; a aquisição de uma antiga farda de Fiscal de Bonde, para futura criação do Museu do Bonde; a aquisição e restauração de uma bomba manual de gasolina, da década de 20-30; guarda e recuperação dos quadros artísticos da extinta Escola Técnica de Comércio "Cristóvão Colombo", fundada em 1913; a ampliação do quadro de sócios, outras estão sendo estudadas com prudência e desvelo e por certo ganharão, também, aplausos: atendimento especial para jovens e estudantes nos assuntos solicitados, participações em reuniões plenárias do IHGP de representantes de Municípios da região de Piracicaba, com o intuito de apoiar novos núcleos culturais similares ao nosso sodalício; uma permanente campanha de fotos antigas de Piracicaba, porque elas mostram e melhor falam daquilo que outrora foi a "Noiva da Colina" e, finalmente, o lançamento de um carimbo comemorativo pela Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos, apoiado e pelo Clube Filatélico e Numismático de Piracicaba.

Assim é que tem sido a vida do Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba, sem citar as inúmeras e inestimáveis colaborações prestadas pelos Sócios Titulares, ou

Correspondentes, ao desenvolvimento cultural da nossa querida Piracicaba, que comemora, neste ano, o seu 220º aniversário de fundação.



Ministro Hugo de Almeida Leme discursando quando da instalação e posse do IHGP. no gabinete do Prefeito Luciano Guidotti - 6-4-68.

QUADRO DAS DIRETORIAS DE 1968 A 1987

PRIMEIRA DIRETORIA **ELEITA EM 20-4-68**

1968

Presidente Dr. Edmar José Kiehl
Vice Pres. Leandro Guerrini
1º Secretário Marly T. Germano Percin
2º Secretário Joaquim do Marco
1º Tesoureiro Antonio Messias Galdino
2º Tesoureiro Archimedes Dutra
Orador Acary de O. Mendes
Bibliotecário Guilherme Vitti

SEGUNDA DIRETORIA **ELEITA EM 4-X-68**

1969

Presidente Edmar José Kiehl
Vice Pres. Frederico Alberto Blaaw
1º Secretário Marly T. Germano Percin
2º Secretário Francisco Godoy
1º Tesoureiro Antonio Messias Galdino
2º Tesoureiro Alberto Thomazi
Orador Fortunato Losso Netto
Bibliotecário Guilherme Vitti

TERCEIRA DIRETORIA **ELEITA EM 20-9-69**

1970

Presidente Acary de O. Mendes
Vice Pres. Flávio Moraes de Toledo Piza
1º Secretário Alfredo Lineu Cardoso
2º Secretário Jair Toledo Veiga
1º Tesoureiro Felisberto P. Monteiro
2º Tesoureiro Nair Barbosa de A. Leme
Orador Laudelina Cotrin de Castro
Bibliotecário Alberto Thomazi

QUARTA DIRETORIA**ELEITA EM 9-9-70****1971**

Presidente Júlio Soares Diehl
Vice Pres. Archimedes Dutra
1º Secretário Nair Barbosa A. Leme
2º Secretário Antonio Messias Galdino
1º Tesoureiro Edmar José Kiehl
2º Tesoureiro Guilherme Vitti
Orador Júlio Seabra Inglês de Sousa
Bibliotecário Flávio Moraes de Toledo Piza

QUINTA DIRETORIA**ELEITA EM 13-9-71****1972**

Presidente Guilherme Vitti
Vice Pres. Walter R. Jardim
1º Secretário Antonio M. Galdino
2º Secretário Nélio Ferraz de Arruda
1º Tesoureiro Elias Salum
2º Tesoureiro Oswaldo Cambiaghi
Orador Júlio Soares Diehl
Bibliotecário Jair Toledo Veiga

SEXTA DIRETORIA**ELEITA EM 29-9-72****1973**

Presidente Jair Toledo Veiga
Vice Pres. Archimedes Dutra
1º Secretário Nélio F. de Arruda
2º Secretário Júlio S. Diehl
1º Tesoureiro Guilherme Vitti
2º Tesoureiro Edmar José Kiehl
Orador Júlio Seabra Inglês de Sousa
Bibliotecário Marly T. Germano Percin

SÉTIMA DIRETORIA**ELEITA EM 4-9-73****1974**

Presidente Acary de O. Mendes
Vice Pres. Edmar J. Kiehl
1º Secretário Guilherme Vitti
2º Secretário Nair Barbosa A. Leme
1º Tesoureiro Jair Toledo Veiga
2º Tesoureiro Ana Matteis Bertozzi
Orador Antonio M. Galdino
Bibliotecário Oswaldo Cambiaghi

OITAVA DIRETORIA**ELEITA EM 27-9-74****1975**

Presidente Walter Ramos Jardim
Vice Pres. Archimedes Dutra
1º Secretário Guilherme Vitti
2º Secretário Nélio Ferraz de Arruda
1º Tesoureiro Antonio Messias Galdino
2º Tesoureiro Felisberto Pinto Monteiro
Bibliotecário Jamil Nassif Abib

NONA DIRETORIA**ELEITA EM 19-9-75****1976**

Presidente Oswaldo Cambiaghi
Vice Pres. Manoel Lopes Alarcon
1º Secretário Nélio Ferraz de Arruda
2º Secretário Noedy Krähenbühl Costa
1º Tesoureiro Jair Toledo Veiga
2º Tesoureiro Flávio Moraes de T. Piza
Orador Salvador de T. Piza Júnior
Bibliotecário Alberto Thomazi

DÉCIMA DIRETORIA**ELEITA EM 17-9-76****1977**

Presidente Acary de Oliveira Mendes
Vice Pres. Nélio Ferraz de Arruda
1º Secretário Jair Toledo Veiga
2º Secretário Alberto Thomazi
1º Tesoureiro Delphim F. da Rocha Netto
2º Tesoureiro Felisberto P. Monteiro
Orador Flávio Moraes de T. Piza
Bibliotecário Oswaldo Cambiaghi

DÉCIMA-PRIMEIRA DIRETORIA ELEITA EM 26-9-77**1978**

Presidente Acary de O. Mendes (faleceu no cargo)
Vice Pres. Flávio Moraes de T. Piza
1º Secretário Oswaldo Cambiaghi
2º Secretário Archimedes Dutra
1º Tesoureiro Guilherme Vitti
2º Tesoureiro Nélio Ferraz de Arruda
Orador Salvador de T. Piza Júnior
Bibliotecário Antonio Messias Galdino

DÉCIMA-SEGUNDA DIRETORIA ELEITA EM 15-12-78**1.979**

Presidente Nélio Ferraz de Arruda
Vice Pres. Manoel Lopes Alarcon
1º Secretário Delphim F. da Rocha Netto
2º Secretário Paulo Nogueira de Camargo
1º Tesoureiro Guilherme Vitti
2º Tesoureiro Alberto Thomazi
Orador Salvador de T. Piza Júnior
Bibliotecário Oswaldo Cambiaghi

DÉCIMA-TERCEIRA DIRETORIA ELEGIDA EM 14-3-80
1980

Presidente Nélio Ferraz de Arruda
Vice Pres. Delphim F. da Rocha Netto
1º Secretário Jair Toledo Veiga
2º Secretário Noedy Krähenbül Costa
1º Tesoureiro Guilherme Vitti
2º Tesoureiro Alberto Thomazi
Orador Salvador de T. Piza Júnior
Bibliotecário Marly Terezinha G. Percin

DÉCIMA-QUARTA DIRETORIA ELEGIDA EM 31-1-81
1981

Presidente Nélio Ferraz de Arruda
Vice Pres. Jayra B. de Arruda
1º Secretário **Maria Cecília G.A. Zagatto**
1º Tesoureiro Frederico Pimentel Gomes
2º Tesoureiro Míria Machado Botelho
Orador Otto Jesus Crócomo
Bibliotecário Oswaldo Cambiaghi

DÉCIMA QUINTA DIRETORIA ELEGIDA EM 12-2-82
1982-83-84

Presidente Geraldo Claret de M. Ayres
Vice Pres. Archimedes Dutra
1º Secretário Guilherme Vitti
2º Secretário Maria Cecília G.A. Zagatto
1º Tesoureiro Jair Toledo Veiga
2º Tesoureiro Alberto Thomazi
Orador Jahyra B. Arruda
Bibliotecário Oswaldo Cambiaghi

DÉCIMA SEXTA DIRETORIA ELEITA EM 11-12-84
1.985

Presidente Oswaldo Cambiaghi
Vice Pres. Geraldo C. de M. Ayres
1º Secretário Manoel L. Alarcon
2º Secretário Edmar José Kiehl
1º Tesoureiro Míria Machado Botelho
2º Tesoureiro Jair Toledo Veiga
Orador Elias Salum
Bibliotecário Guilherme Vitti

DÉCIMA SÉTIMA DIRETORIA ELEITA EM 14-12-85
1.986

Presidente Elias Salum
Vice Pres. Helly de Campos Melges
1º Secretário Nélio F. de Arruda
2º Secretário Alberto Thomazi
1º Tesoureiro Maria Cecília G. Zagatto
2º Tesoureiro Oswaldo Cambiaghi
Orador Geraldo C. de Mello Ayres
Bibliotecário Guilherme Vitti

DÉCIMA OITAVA DIRETORIA ELEITA EM 20-12-86
1987

Presidente Elias Salum
Vice Pres. Edmar José Kiehl
1º Secretário Lino Vitti
2º Secretário Míria M. Botelho
1º Tesoureiro Moacyr O. Camponês do B. Sobº.
2º Tesoureiro Jair Toledo Veiga
Orador Júlio S. Inglez de Sousa
Bibliotecário Geraldo C. de Mello Ayres

Quadro de sócios titulares até o ano de 1.986 (POR ORDEM ALFABÉTICA)

Acary de Oliveira Mendes +
Afrânio do Amaral Carboggini
Alberto Thomazi +
Alfredo Lineu Cardoso
Anna Angelina Matteis Bertozzi +
Antonio Carlos Neder
Antonio Henrique Carvalho Cocenza
Antonio Messias Galdino
Archimedes Dutra +
Armando Mendes Vollet +
Branca Motta de Toledo Sachs
Branca Pelegrini de Moraes Barros
Delphim Ferreira da Rocha Netto
Edmar José Kiehl
Elias Salum
Eurípedes Malavolta
Felisberto Pinto Monteiro +
Fernando Ferraz de Arruda
Flávio Moraes de Toledo Piza
Fortunato Losso Netto +
Francisco Godoy
Francisco da Silva Caldeira
Frederico Pimentel Gomes
Geraldo Claret de Mello Ayres
Geraldo Nunes
Guido Ranzani
Guilherme Vitti
Helena Rovay Beneton
Helly de Campos Melges
Hugo Pedro Carradore
Jacanã Altair Pereira Guerrini +

Jair Toledo Veiga
Joaquim do Marco +
Júlio Soares Diehl +
Júlio Seabra Inglez de Sousa
Laudelina Cotrim de Castro +
Lauro Natalli
Leandro Guerrini
Lino Vitti
Manoel Lopes Alarcon
Maria Cecília Ayres Guidetti Zagatto
Maria Celestina Teixeira M. Soares
Mario Gianotti +
Marly Terezinha Germano Percin
Míria Machado Botelho
Moacyr Oliveira Camponês do Brasil Sobrinho
Nair Barbosa de Almeida Leme
Nélio Ferraz de Arruda
Noedy Krähenbühl Costa
Otto Jesus Crócomo
Paulo Nogueira de Camargo
Pedro Chiarini
Oswaldo Cambiagli
Salvador de Toledo Piza Júnior
Valter Anacleto +
Walter Ramos Jardim +

**QUADRO DE SÓCIOS HONORÁRIOS
ATÉ O ANO DE 1986**

Manoel Rodrigues Lourenço +

SÓCIOS CORRESPONDENTES
(Admitidos de 1968 a 1986)

Alceu Maynard de Araújo + (SP)
Airton Romero Chiarini + (S. Pedro)
Alexandre Guimarães dos Santos (SP)
Antonio Barreto do Amaral (SP)
Dargo Pinto Viegas (SP)
David Antunes + (Campinas)
Divaldo Gaspar de Freitas (SP)
Dulce Salles Cunha Braga (SP)
Enzo Silveira + (SP)
Geraldo Perrone (SP)
Jamil Nassif Abib-Padre (Rio Claro)
Lúcia Figueira de Mello Falkenberg (SP)
Luiz Thomazi (SP)
Marcelino Ritter + (SP)
Mario Pires (Campinas)
Mario Hoepfner Dutra (SP)
Mario Neme + (SP)
Manoel Pereira de Godoy (Pirassununga)
Mons. Luiz Castanho de Almeida (Sorocaba) +
Nilton C. Costa + (Itu)
Paulo Silvério Santos (SP)
Thales Castanho de Andrade + (SP)
Tito Lívio Ferreira (SP)
Vinicius Stein de Campos (SP)

RELAÇÃO DOS NOVOS SÓCIOS DO IHGP — ADMITIDOS NOV. 1987

TITULARES:

Antonio Roberto Diehl
Bennur Galvão do Amaral
Erasto da Fonseca
Eugênio Nardin
Geraldo Bragion
Haldumont Nobre Ferraz
José Rosário Losso Netto
Manoel Martho
Mario Dedini Ometto
Mário Dresselt Dedini
Olênio de Arruda Veiga
Noedi Monteiro
Sérgio Parizotto
Waldir Martins Ferreira

CORRESPONDENTES:

Adilson Cezar
Angela Tereza Carvalhaes
de Paiva De Lúcio
Fúlvia Carvalhaes de Freitas
Maria Cristina Carvalhaes Paiva Neves
Rosa Maria Cassano Bataglia
Samira Miguel Campos Araujo
Waldemar Roberto

PATRONOS

O artigo 37 do Regimento Interno do IHGP, faculta aos sócios titulares, beneméritos honorários e correspondente escolherem seus patronos e que se tornam insubstituíveis.

SÓCIOS TITULARES

Alberto Thomazi
Aline Coelho de Oliveira
Antonio Carlos Neder
Antonio H.C. Cocenza
Antonio Messias Galdino
Aracy de Moraes Terra
Aristeu Mendes Peixoto
Branca Motta de T. Sachs
Branca Pelegrini de M. Barros
Delphim F. da Rocha Netto
Edmar José Kiehl
Elias Salum
Fernando F. de Arruda
Flávio Moraes de T. Piza
Fortunato Losso Netto
Frederico Pimentel Gomes
Geraldo Claret de M. Ayres
Gera~~l~~do Nunes
Guilherme Vitti
Helena Rovay Benetton
Helly de Campos Melges
Hugo Pedro Carradore
Jahyra Boucault de Arruda
Jair Toledo Veiga
João C. Sajovic Forastieri
Júlio S. Inglez de Sousa
Lauro Natali
Leandro Guerrini
Lino Vitti

PATRONOS ESCOLHIDOS

Gustavo Barroso
Acary de Oliveira Mendes
Júlio Soares Dihel
Dantas Motta
Benedito de Andrade
Joaquim do Marco
Walter Ramos Jardim
Sud Menucci
Samuel de Castro Neves
José Bonifácio de A. e Silva
Luiz Vicente de S. Queiroz
Erotides de Campos
Antonio P. de Almeida Ferraz
Antonio Toledo Piza
Coriolano Ferraz do Amaral
Fortunato Losso Netto
Carlos H.R. Liberalli

Vicente da Costa G. de Aranha
Eugênio Luiz Losso
Paulo Setubal
Thales Castanho de Andrade
Luiz Gonzaga de C. Toledo
Henrique Marques de Carvalho
Mons. Manoel Francisco Rosa
Braz Cubas

Jaçanã Altair P. Guertini
Dr. Aldrovando Fleury Pires Corrêa

Luiz José de Mesquita
Manoel Lopes Alarcon
Maria Cecília A.G. Zagatto
Marly Terezinha G. Perecin
Míria Machado Botelho
Moacyr O.C. Brasil Sobrinho
Nair Barbosa de A. Leme
Nélio Ferraz de Arruda
Noedy Krähenbhl Costa
Oswaldo Cambiaghi
Otto Jesus Crocomo
Paulo Nogueira de Camargo
Pedro Chiarini
Salvador de Toledo Piza Jr.
Wanda de Camargo Carneiro

João Egídio Adamoli
Humberto de Campos
Elias de Mello Ayres
Mariana Dias Arruda
David Antunes

Claudio Mendes Barbosa
Melchior de Mello Castanho
Nelson de O. Camponês do Brasil
Mário Neme
Jayme Rocha de Almeida
Pe. Diogo Antonio Feijó
Newton de Mello
Renato Kiehl
Jacob Diehl Netto

Quadro dos Presidentes do I.H.G. de Piracicaba



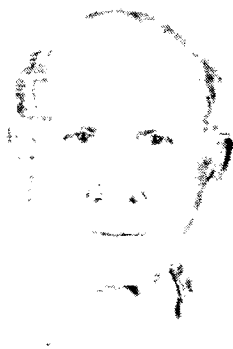
Dr. Edmar José Kiehl
1968-69



Prof. Acary de Oliveira
Mendes 1970-76-77
(Faleceu no cargo)



Prof. Júlio Soares Diehl
1971



Guilherme Vitti
1972



Jair. T. Veiga
1973



Dr. Walter Ramos
Jardim 1975



Dr. Oswaldo Cambiaghi
1976-85



Prof. Flávio M. Toledo
Piza 1978



Prof. Nélío Ferraz de
Arruda 1979-80-81



Prof. Geraldo Claret de Mello
Ayres 1982-83-84



Prof. Elias Salum
1986-87

MEDALHA DE MÉRITO

LEI Nº 2.122, DE 1º DE JULHO DE 1974

(Institui a Medalha de Mérito “Prudente de Moraes” e o Brasão de Armas do Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba).

Adilson Benedito Maluf, Prefeito do Município de Piracicaba, usando das atribuições que lhe são conferidas por Lei.

Faz saber que a Câmara Municipal aprovou e ele sanciona e promulga a seguinte

LEI Nº 2.122

Artigo 1º — Ficam instituídos a Medalha do Mérito PRUDENTE DE MORAIS e o Brasão de Armas do Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba.

Artigo 2º — A Medalha do Mérito PRUDENTE DE MORAIS será conferida, oficialmente, a pessoas representativas do País e, em especial, de Piracicaba, que pelo trabalho construtivo comprovado, pela inteligência e pela cultura bem dirigidas, tenham-se distinguido em atividades públicas, docentes, e científicas, artísticas e jornalísticas, enfim, a quantos, nas respectivas profissões, tenham prestado serviços relevantes à causa do engrandecimento da terra piracicabana, assegurando o futuro das novas gerações.

Parágrafo único — A outorga da Medalha será conferida de acordo com o regulamento a ser elaborado pelo Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba e aprovado por Decreto do Executivo Municipal.

Artigo 3º — A Medalha do Mérito PRUDENTE DE MORAIS terá a seguinte composição: confeccionamento em prata, de forma circular, com trinta e cinco milímetros de diâmetro e dois milímetros de espessura, tendo na primeira face, ao centro, a efigie de Prudente de Moraes, 1º Presidente Civil do Brasil e, em volta, no alto, a legenda Medalha do Mérito Prudente de Moraes e, em baixo, a legenda PIRACICABA, tudo circundado por um ramo de louro à direita, e, à esquerda, por um de carvalho, entrelaçados nos bordos do campo; no verso da medalha, o Brasão de Armas do Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba.

Parágrafo único — Esta Medalha tem como pendente uma fita de trinta e seis milímetros, nas cores: azul, branco e vermelho, cores essas dominantes no Brasão do Instituto.

Artigo 4º — O Brasão de Armas do Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba é de forma redonda, português, apresentando no primeiro campo de prata, que é o ideal, a beleza glorificadora dos empreendimentos, uma Cruz de Cristo, emblema da Religião que nos veio de Portugal e que vinha chantada ou desenhada nas velas das naus lusitanas; e, neste mesmo campo, num cantão o Brasão de São Paulo; no segundo campo deste Brasão, vem os elementos da Cruz de Santo André do escudo do Brasão de Piracicaba, criado pela Lei nº 301, de 17-06-52, alterado pela Lei nº 1.491, de 03-07-67; ao pé do Brasão, em listel de goles, em letras de prata, a legenda **Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba**; por timbre, uma esfera armilar de bláo, (azul) com as determinações geográficas de prata.

Artigo 5º — As despesas resultantes desta lei correrão por conta da verba própria do Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba.

Artigo 6º — Esta lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Prefeitura do Município de Piracicaba, ao primeiro dia do mês de julho de mil novecentos e setenta e quatro.

Adilson Benedito Maluf

Prefeito Municipal

Evandro Francisco Martins

Coordenador de Administração

Florivaldo Coelho Prates

Coordenador de Finanças e Patrimônio

Antonio Oswaldo Storel

Coordenador de Educação, Saúde e Promoção Social

Publicada no Departamento Administrativo da Prefeitura, em primeiro de julho de mil novecentos e setenta e quatro.

Antonio Cella

Chefe do Departamento

Diário Oficial de 6-7-74

Regulamento

Lei 2.122

Artigo 1º — A Medalha do Mérito “Prudente de Moraes” tem por objetivo cultuar a memória do primeiro Presidente Civil da República.

Artigo 2º — A outorga da Medalha será precedida da escolha dos homenageados (no máximo três por ano) pelos membros do Instituto, mediante proposta escrita de 1/4 (um quarto) dos sócios, e devidamente aprovada por uma comissão de 5 (cinco) associados (sob a presidência do mais idoso), após cuidadosos estudos das personalidades a serem agraciados, devidamente apoiados em “curriculum vitae” atualizado.

Artigo 3º — Poderão fazer jus à Medalha do Mérito “Prudente de Moraes”:

- a) Os piracicabanos, de nascimento ou adoção, e todos aqueles que se tenham destacado, de forma eminente, no engrandecimento e projeção de Piracicaba;
- b) aqueles que mais se tenham empenhado no culto às nossas tradições;
- c) os que, nas artes, mais tenham contribuído para destacar a “Noiva da Colina” no mundo artístico;
- d) aqueles que mais se tenham salientado na formação cultural das novas gerações;
- e) que, nas ciências e atividades do ensino, mais se tenham projetado nesse campo;
- f) os que, no jornalismo e demais meios de comunicação, mais se tenham evidenciado na orientação da comunidade, com vistas ao progresso municipal e nacional;

- g) os que tenham sido considerados como beneméritos, quer nas atividades de sua profissão, quer como representantes de entidades assistenciais;
- h) os que, à testa de entidades privadas, tenham cooperado pelo bem-estar público, contribuindo, assim, para a harmonia social no município;
- i) os cidadãos ou entidades que mais tenham trabalhado para a proteção à infância;
- j) os homens públicos que mais se tenham esforçado na promoção do progresso de Piracicaba;
- l) os estrangeiros que tenham dado provas cabais de sua dedicação à comunidade piracicabana.

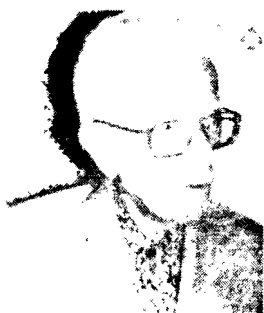
Artigo 4º — A Comissão de outorga da Medalha do Mérito "Prudente de Moraes" será constituída anualmente, por votação secreta da maioria absoluta dos sócios presentes à reunião convocada para tal fim.

Artigo 5º — O presente Regulamento só poderá ser alterado por iniciativa de 1/4 (um quarto) dos membros do Instituto e aprovação de 3/4 (três quartos) deles, seguindo-se o competente decreto do Executivo Municipal.

Piracicaba, 10 de julho de 1974

Acary de Oliveira Mendes
Presidente do I.H.G.P.

Laureados com a Medalha do Mérito “Prudente de Moraes”



Prof. Salvador de Toledo
Piza Jr. 1-8-1977



Prof. Leandro Guerrini
1-8-1977



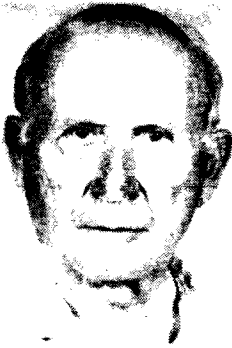
Prof. Archimedes Dutra
1-8-1977



Prof. Acary de Oliveira
Mendes 6-9-78




Dr. Dargo Pinto Viegas
6-9-78



Guilherme Vitti
2-11-1987



Jair. T. Veiga
21-9-1987



Delphím Ferreira da Rocha
Netto 21-9-1987

Agraciados com o Diploma: “IHGP — 20 anos”

SESSÃO MAGNA DE 21 DE NOVEMBRO DE 1987

Em agosto de 1987, a Diretoria do IHGP elegeu os senhores: Frederico Pimentel Gomes, Noedy Krähenbühl Costa, Nélio Ferraz de Arruda, Oswaldo Cambiaghi e Antonio Henrique C. Cocenza, para a Comissão de outorga da Medalha de Mérito “Prudente de Moraes”, de conformidade com o artigo 33 dos Estatutos da entidade e que, após acurado estudo do “currículum” e dados levantados dos candidatos, entre outras considerações, houve por bem aprovar os nomes dos sócios: Delphim Ferreira da Rocha Netto, Guilherme Vitti e Jair Toledo Veiga, para a Medalha e Diploma de Mérito “Prudente de Moraes”.

A mesma Comissão, levando em consideração a grata efeméride — 20º Aniversário de Fundação do IHGP sugerir , de acordo com o Capítulo X, do Regimento, artigos 34, 35, 36 e seus parágrafos conferir aos ex-presidentes do IHGP e outras pessoas que se destacaram, em diversas categorias na “Noiva da Colina”, um Diploma Comemorativo do evento.

Recebem essa honraria as seguintes personalidades:

Angelo V. Cobra
João Chiarini
Walter R. Accorsi
Richard E. Senn

Adilson B. Maluf
Nélio F. Arruda
Acary O. Mendes
Edmar J. Kiehl
Geraldo C. M. Ayres
Júlio S. Diehl
Oswaldo Cambiaghi
Elias Salum
Walter R. Jardim
Branca M. T. Sachs
Frederico A. Blaauw
Francisco S. Caldeira
Jair T. Veiga
Hermínio Petrin
Flávio M. T. Piza
Guilherme Vitti

DOAÇÕES

Relação de amigos que doaram livros, revistas e objetos ao IHGP, nos 20 anos de sua existência.

ACADEMIA PAULISTA DE LETRAS
ALEXANDRE GUIMARÃES DOS SANTOS
ALBERTO THOMAZI
ALINE DE OLIVEIRA MENDES
ANTONIO OSWALDO FERRAZ (Viúva)
ALOISIO ALMEIDA
ANTONIO DA COSTA RAMOS
ANTONIO BARRETO DO AMARAL
A. PINTO VEIGA
ANTONIO JOSÉ TEIXEIRA MENDES
ANTONIO MESSIAS GALDINO
ANGEL PICINATO
ANTONIO ROBERTO M. ROSA
ARQUIVO HISTÓRICO DE S. PAULO
ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO
CELESTINA TORRES
CONSELHO ESTADUAL DE CULTURA
CASA BRASILEIRA
COMISSÃO EXECUTIVA DO
CENTENÁRIO DE S. PAULO
CAIO TABAJARA DE LIMA
DELPHIM F. DA ROCHA NETTO
EDMAR JOSÉ KIEHL
ELIAS SALUM
GRUPO ESCOTEIRO "TAMANDARÉ"
EDUARDO ETZEL

FLÁVIO MORAES DE TOLEDO PIZA
GUALBERTO DE OLIVEIRA
GERALDO PERRONI
GUILHERME VITTI
HELLY DE CAMPOS MELGES
JACOB DIEHL NETTO
JOSÉ DE MELLO PIMENTA
JAIRO RIBEIRO DE MATTOS
JOSÉ PAES DA SILVA
JULIO SOARES DIHEL
INSTITUTO GEOGRÁFICO DE S. PAULO
INSTITUTO PRÉ-HISTÓRICO DA USP
JOSÉ PEDRO LEITE CORDEIRO
LAR FRANCISCANO DE MENORES
LEANDRO GUERRINI
LEOPOLDO PETRI
LEOPOLDO DANTAS
MARIA TRICÂNICO
MANOEL LOPES ALARCON
MUSEU IMPERIAL DE PETRÓPOLIS
MUSEU PAULISTA
MUSEU NACIONAL
NILTON C. COSTA
NELSON AMÉRICO DE GODOY
OSWALDO CAMBIAGHI
PAULO NOGUEIRA DE CAMARGO
PREFEITURA MUNICIPAL DE PIRACICABA
PADRE BENTO ARRUDA
PEDRO CHIARINI
PREFEITURA DE S. PAULO
SANTA CASA DE MISERICÓRDIA DE PIRACICABA
SALVADOR DE TOLEDO PIZA JÚNIOR
SALVADOR PIZA NETTO
SILVIA SELINGARD SAMPAIO
SOCIEDADE PORTUGUESA DE PIRACICABA
VINICIUS STEIN DE CAMPOS
VALDEMAR IGLÉSIAS FERNANDES
WALDIR MARTINS FERREIRA

1º REGISTRO DE IMÓVEIS E ANEXOS DE PIRACICABA

CERTIDÃO

O Deuter LODOVICO TREVIZAN, Oficial
Maior de 1º Registro de Imóveis e Anexos - Regis-
tre Civil das Pessoas Jurídicas - da Comarca de
Piracicaba, Estado de São Paulo, etc.

CERTIFICA e de fé, à vista do pedido
verbal de parte interessada, que revende em o _
cartório e seu cargo e livro nº 1, de "Registro_
Civil das Pessoas Jurídicas", à fls. 129, encon-
trando o Registro sob o nº 149 (cento e quarenta e
nove), em nome de INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFI-
CO DE PIRACICABA, com sede nesta cidade, como pes-
soa jurídica, Piracicaba, 3 de Setembro de 1.967.
Eu, Lodovico Trevizan, Oficial Maior, o datilei
- grafiei, conferi, subscrevi e assino .

Lodovico Trevizan
LODOVICO TREVIZAN

D.Cx\$18,50 nihil.



SELO PAGO POR VERBA



PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE PIRACICABA ^{DE PIRACICABA 17}
BRASIL — ESTADO DE SÃO PAULO

7-11-68
DECRETO Nº 748, DE 6 DE NOVEMBRO DE 1968, 14482

(Declara de utilidade pública o Ins-
tituto Histórico e Geográfico de -
Piracicaba).- ⁶¹¹⁸⁻⁶⁸
Assunto _____

Nélio Ferraz de Arruda, Prefeito do Município
de Piracicaba, usando das atribuições que lhe são conferidas
por lei,

D E C R E T A :

Artigo 1º - Nos termos da Lei Municipal nº -
399, de 23 de outubro de 1953, fica declarada de utilidade
pública o Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba, com
sede nesta cidade, registrada no Cartório de Registro de Imó-
veis e Anexos da Primeira Circunscrição da Comarca de Piraci-
caba, no livro nº 1, de "Registro Civil das Pessoas Jurídicas",
à fls. 129, sob nº 149, de 18 de setembro de 1968.

Artigo 2º - Este Decreto entrará em vigor na -
data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Prefeitura do Município de Piracicaba, aos seis
dias do mês de novembro de mil novecentos e sessenta e oito.

Nélio Ferraz de Arruda
Prefeito Municipal

Lucis Góncaga Schmidt
Secretário do Governo

Publicado na Diretoria Administrativa da Prefei-
ura, em seis de novembro de mil novecentos e sessenta e oito.

Elias Salum
Diretor

1º REGISTRO DE IMÓVEIS E ANEXOS DE PIRACICABA

CERTIDÃO

O Deuter LODOVICO TREVIZAN, Oficial
Maior de 1º Registro de Imóveis e Anexos - Regi-
stre Civil das Pessoas Jurídicas - de Comercio de
Piracicaba, Estado de São Paulo, etc.

CERTIFICA e dá fé, à vista do pedido
verbal de parte interessada, que revende em o _
cartório a seu cargo e livro nº 1, do "Registro_
Civil das Pessoas Jurídicas", à fls. 129, encon-
trando o Registro sob o nº 149 (cento e quarenta e
nove), em nome do INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFI-
CO DE PIRACICABA, com sede nesta cidade, como pes-
soa jurídica. Piracicaba, 9 de Setembro de 1.987.
Eu, Lodovico Trevizan Oficial Maior, a detida
- grafiei, conferi, subscrevi e assino .

Lodovico Trevizan
LODOVICO TREVIZAN

D. Cs\$18,50 nihil.



SELO PAGO POR VERBA



PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE PIRACICABA DE PIRACICABA 17
BRASIL — ESTADO DE SÃO PAULO

7-11-68

DECRETO Nº 748, DE 6 DE NOVEMBRO DE 1 968 14482

(Declara de utilidade pública o Ins- 6118-68
tituto Histórico e Geográfico de -
Piracicaba). Assunto

Nélio Ferraz de Arruda, Prefeito do Município
de Piracicaba, usando das atribuições que lhe são conferidas
por lei,

DECRETA:

Artigo 1º - Nos termos da Lei Municipal nº -
399, de 23 de outubro de 1 953, fica declarada de utilidade
pública o Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba, com
sede nesta cidade, registrada no Cartório de Registro de Imó-
veis e Anexos da Primeira Circunscrição da Comarca de Piraci-
caba, no livro nº 1, de "Registro Civil das Pessoas Jurídicas",
à fls. 129, sob nº 149, de 18 de setembro de 1 968.

Artigo 2º - Este Decreto entrará em vigor na -
data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Prefeitura do Município de Piracicaba, aos seis
dias do mês de novembro de mil novecentos e sessenta e oito.

Nélio Ferraz de Arruda
Prefeito Municipal

Luís Gonzaga Schmidt
Secretário do Governo

Publicado na Diretoria Administrativa da Prefei-
ra, em seis de novembro de mil novecentos e sessenta e oito.

Elias Salim
Diretor

Hoje, o IHGP ao completar o seu 20º aniversário de fundação, possui o seu Hino. Letra da Sócia Titular, professora e poetisa Branca Motta de Toledo Sachs e música do professor e Olênio de Arruda Veiga.

HINO DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO

Quais valentes soldados marchemos,
A vitória buscando encontrar,
Com vigor e firmeza queremos
Este nosso Instituto elevar.

Desejando que as luzes da glória
Iluminem eu belo futuro,
Sim, sonhamos contigo, oh! vitória,
Estandarte de amor, nobre e puro.

Pequenino ao nascer hoje é grande,
Já repleto de força e valor.
Que a verdade do tempo lhe mande
A corôa de um rei vencedor.

Nossa guerra, esta imensa batalha
Há de ser vencedora, há de ser.
Pois quem luta, se esforça, e trabalha
Certamente não vai perecer.

**Branca Motta de Toledo Sachs
Piracicaba — 1987**

HINO DE “PIRACICABA”

LETRA E MÚSICA DE NEWTON DE A. MELLO

Numa saudade que punge e mata
Que sorte ingrata! —, longe daqui,
Em um suspiro triste e sem termo,
Vivo no êrmo, dês que parti.

Estrilho

Piracicaba que eu adoro tanto,
Cheia de flores,
Cheia de encanto...
Ninguém compreende a grande dor que sente
O filho ausente a suspirar por ti!

Em outras plagas, que vale a sorte?
Prefiro a morte junto de ti.
Amo teus prados, os horizontes,
O céu e os montes que vejo aqui.

Só vejo estranhos, meu berço amado,
Tendo a teu lado o que perdi...
Pouco se importam com teu encanto,
Que eu amo tanto, dês que nasci...

Um grande sodalício cultural

Artigo do poeta Lino Vitti editado no Jornal de Piracicaba, em 28/12/86

Quem tivesse comparecido à reunião e posse do Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba — IHGP —, seria presenteado com a satisfação cultural de ver reunida, na humilde sala onde funciona a instituição, a mais expressiva nata da intelectualidade piracicabana.

Nunca em toda nossa vida de servidor público e jornalista, de pessoa dada às letras e à poética, pudemos observar tanta cultura pessoal reunida num mesmo instante, não sabemos se fruto da atuação inegável do Presidente do IHG, não sabemos se pela falta de que se ressentiu Piracicaba de ter um local adequado, próprio e disponível onde reunir os homens cultos de nossa terra em tertúlias literárias, científicas, jornalísticas e até, pasmem, políticas, embora saibamos muito bem que nas hostes da instituição não se admite tal tipo de intromissão. O que não se condena, nem se louva, pois defendemos tese de que os intelectuais, mais que outros, têm o dever de ser políticos, como admitimos também a possibilidade de existirem políticos intelectuais, porque talvez assim as coisas andassem melhor, política e administrativamente, neste país.

Voltando, porém, ao caso da sessão magna de eleição da nova diretoria do Instituto Histórico e Geográfico, podemos afirmar, sem reбуções, que foi um ato da mais alta expressão que poderia realizar a entidade, sendo certo que aquele composto de homens repletos de estudos saberia eleger quem tem demonstrado incontestável capacida-

de de direção e projeção, como efetivamente ocorreu na pessoa do Prof. Elias Salum, presidente a cujos ombros foi colocada a responsabilidade de bisar, naturalmente, o mesmo trabalho planejado e executado em sua gestão anterior.

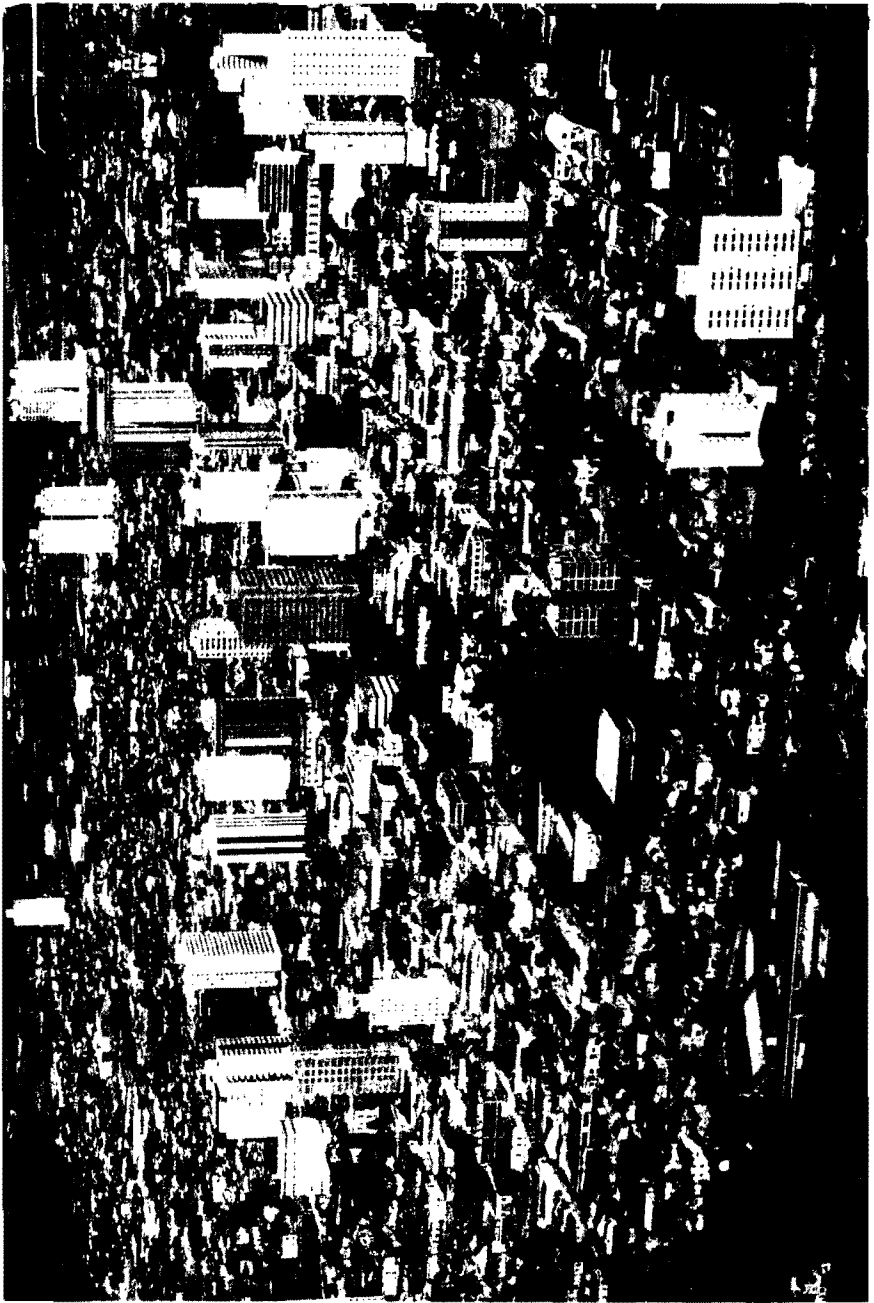
A atração de tão elevado número de intelectuais para as fileiras do IHG, nos está a demonstrar realmente a sede de atividades culturais que atinge muitos piracicabanos, órfãos que estamos de um local propício a esse tipo de manifestação humana, local para onde se deveriam voltar as atenções dos poderes públicos da cidade, mesmo lhes incumbindo legalmente o dever de desenvolver e projetar a cultura por todas as suas formas. Notamos que os catedráticos da ESALQ, que os médicos, que os esportistas, que os folcloristas, que os mestres, que as poetisas e os poetas, que os funcionários públicos, que todas as categorias de pessoas lidas presentes àquela reunião, como que sentiam algo espiritualizado a pairar nos ares, algo que deveria materializar-se em ação, dentro de um ambiente propício e adequado a agasalhar idéias, conceitos, projetos, arte, literatura, expansão de todas as modalidades culturais de que lhes andam cheias a alma e a inteligência.

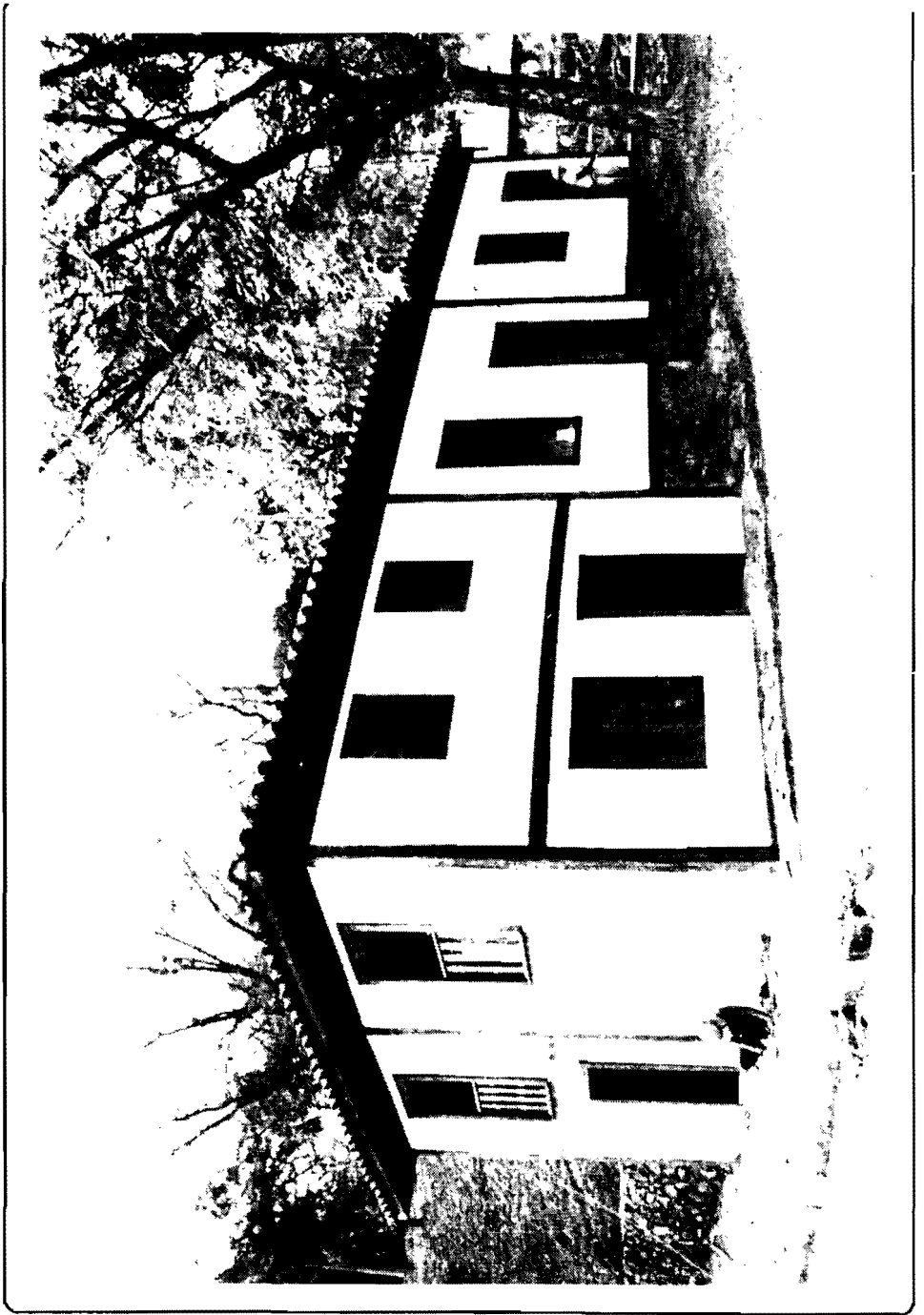
O ambiente era humilde, as cadeiras não davam para todos, a mesa mal se equilibrava sobre os pés titubeantes, mas que grandeza de corações, que peregrinas capacidades, que geração de nobreza intelectual se casavam, naquele momento! Enlaçava-se a pobreza material do sodalício, com a riqueza exponencial das inteligências. Não se pejavam Salvador Piza, Campones do Brasil, Inglês de Souza, Cocenza, Cambiaghi, de estarem ali ao lado deste pobre articulista, e até de um humilde servidor aposentado de bondes, que foi presentear o Instituto com a sua gloriosa farda de motorneiro, uma peça sem dúvida que conta um grande número de anos da história de Piracicaba, que representa gerações e gerações de estudantes da Agronomia, que tinham no bonde o meio de condução possível às suas sempre desminliguidas bolsas, como soem ser as de todos os estudantes, neste país.

Já pensamos ser chegado o tempo de as nossas administrações públicas, através de seus órgãos de cultura social, cogitarem da construção de um prédio para abrigar tantas instituições de arte e saber que estão dispersas por aí, como o IHG, a Biblioteca Pública, os esparramados departamentos educacionais da própria prefeitura, e até, vejam que maravilha, a Escola de Belas Artes (sobre ela voltaremos a falar), em cogitações na cachola de muitos artistas piracicabanos e a mesma Academia Piracicabana de Letras.

Como atrás ficou dito, percebemos naquele encontro de intelectuais que Piracicaba está sentindo falta de uma fonte onde de dessedentarem. Quantas capacidades não se perdem pela cidade afora pela falta de um local adequado de reuniões, onde extravasar os conhecimentos, dialogar com outros do mesmo grau cultural, redigir quiçá trabalhos de fôlego para livros e jornais.

Com a palavra as inteligentes autoridades administrativas de Piracicaba.





Prof. Guilherme Vitti, um dos mais consagrados historiadores de nossa terra editou substancial documento sobre a chamada Casa do Povoador. Com sua autorização, inserimo-lo nesta obra para enriquecê-la na II parte dedicada à história de Piracicaba.

A Casa do Povoador

Artigo do Prof. Guilherme Vitti, publicado
no Jornal de Piracicaba em 1-8-87
A Casa do Povoador, agora reformada.

A casa conhecida como do — Povoador — era de fato dele? Duvidam alguns dessa possibilidade e outros até procuram provas para refutarem a asserção.

Pretende este artigo apresentar dados sintomáticos de sua probabilidade. É mais fácil provar que fosse, do que negá-lo. Tum probandum est. Seguem-se as provas:

Primeira: Comandava a Freguesia de Piracicaba nos idos de 1803 a 1811, o Capitão de Ordenanças, Francisco Franco da Rocha, homem de superiores qualidades administrativas e de caráter retilíneo.

Por esse tempo, estava a pacata população escandalizava moralmente pela pública mancebia do Capitão-Mór Carlos Bartolomeu de Arruda Botelho, dono de terras piracicabananas, com Flora, ou Maria Flores de Morais.

Por diligência de Francisco Franco da Rocha conseguiu-se que as autoridades superiores intervissem no assunto, obrigando a espevitada Flora a sair da localidade, acampando lá pelas bandas de Capivari. É claro que o Arruda não se acomodou. Como tinha certo prestígio, tentou anular o exílio imposto, fazendo com que a vítima se dirigisse, por carta, às autoridades da Província, solicitando a cessação do castigo.

O Governador pediu informes ao Capitão Rocha. Em sua resposta de 20 de janeiro de 1807, há este trecho no qual explica a carta da interessada:

“... pois a casa onde (ela) estava habitando, foi uma das causas de separação, por estar plantada nas terras do cúmplice, distante daqueles vinte passos em rigor...”

Qual era a casa e onde ficava?

Justamente no terreno que fronteava com a sesmaria do Arruda, encontrava-se a casa do Povoador. Atente-se para a distância citada — vinte passos — mais ou menos trinta metros. É exatamente a metragem existente, aproximadamente, entre a casa do Povoador e o Palacete do Miranda, no início da Rua Prudente de Moraes.

Em sua missiva ela ainda lamentava a perda da moradia e dos móveis, alegando, ainda, que desejava voltar para cuidar de sua mãe, Isabel Barbosa, irmã do Capitão-Povoador, Antônio Correa Barbosa.

Segunda: Existe no arquivo do Estado de São Paulo, uma planta de Piracicaba, quando ela foi elevada à Vila, em 1822. O desenho feito sem escala e, portanto, sem exatidão rígida, mostra com minuciosidade até as casas existentes então na Vila, assim como os engenhos de açúcar devidamente caracterizados.

Além dos pátios do centro, com a matriz e o pelourinho, há apenas seis ruas e respectivas travessas. A última rua, do lado norte, tem o nome de rua do Conselho, atual Prudente de Moraes, com apenas três quarteirões desenhados. No prolongamento dessa rua até o rio aparece na margem do mesmo uma casa, excepcionalmente o único prédio de moradia construído próximo ao rio. Está fora da cerca do rossio, porque, naquelas circunstâncias o filho de Arruda Botelho, Manoel Joaquim Pinto de Arruda, ainda julgava-se dono do terreno em que ela está construída.

Aconteceu, porém, que, depois da elevação à Vila, a Câmara determinou a abertura, em continuação e linha reta, da rua do Conselho, até a ponte recentemente construída e localizada atrás da Casa do Povoador, obrigando

Manoel Joaquim a manter como propriedade sua, apenas as terras que ficavam à direita da rua em referência. Relação de proprietários de terras na região de Piracicaba em 1825, aponta como dona do terreno à esquerda do rio, justamente Isabel Barbosa, irmã do Capitão-Povoador, prova essa que a casa levantada nessa área pertencia à família Barbosa.

Terceiro: Como foi narrado acima, apenas uma casa de moradia existia próxima à margem do rio. Isto confirma, à sociedade, que a construção é do fim do século XVIII, em razão do material usado ser daquela época, conforme o comprovou o parecer do Condephaat, quando fez o levantamento de dados para o devito tombamento.

E mais. O prédio, de qualquer modo, tem existência anterior a 1824, isto porque a terceira Câmara de Vereadores, como se lê na ata de 9 de junho de 1824, proibiu terminantemente a construção de prédios nas margens do rio, por ser terra da Marinha.

O Capitão-Povoador construiu a casa em terreno seu, quando, como comandante da freguesia tinha poderes absolutos, mandando e desmandando a seu bel prazer. O lugar é estratégico, próprio para fiscalizar a movimentação do rio até lá longe, na curva do rio. É bom lembrar que ele tinha a incumbência de vigiar os passantes que poderiam estar desviando o ouro que vinha de Mato Grosso. Além disso, a estrada do picadão, atual rua Moraes Barros, a pequena distância da casa.

Além do mais, se a mudança da Vila para a margem esquerda do rio foi autorizada em 1784, que motivos impediriam o Povoador de também construir sua casa no mesmo lado. Aliás, tinha que dar bom exemplo.

Aqui param minhas considerações sobre o assunto. Todavia, se alguém provar a inconsistência de minha argumentação e apresentar documentação categórica em

contrário, aqui estou para admitir de imediato a tese da contestação.

Se historiadores de peso concordarem com o meu arazoado, feliz me sentirei, podendo, então, exclamar, como outrora, o sábio Arquimedes: - Éureca — Achei!

Obs.: O termo grego é proparoxítono. Nada de — euréca —, como quase todos pronunciam por não terem alguns conhecimentos do idioma grego.

2ª Parte

Um pouco da História de Piracicaba

No decurso do último ano de cada século, documentando a História do século seguinte, registram-se as efemérides, fatos e todos os acontecimentos que ocorreram naquele ano. Em 1900, por exemplo, foram registrados o que ocorreu em Piracicaba, e que ora publicamos, mantendo a ortografia vigente na época, extraído do "ALMANAK para 1900".

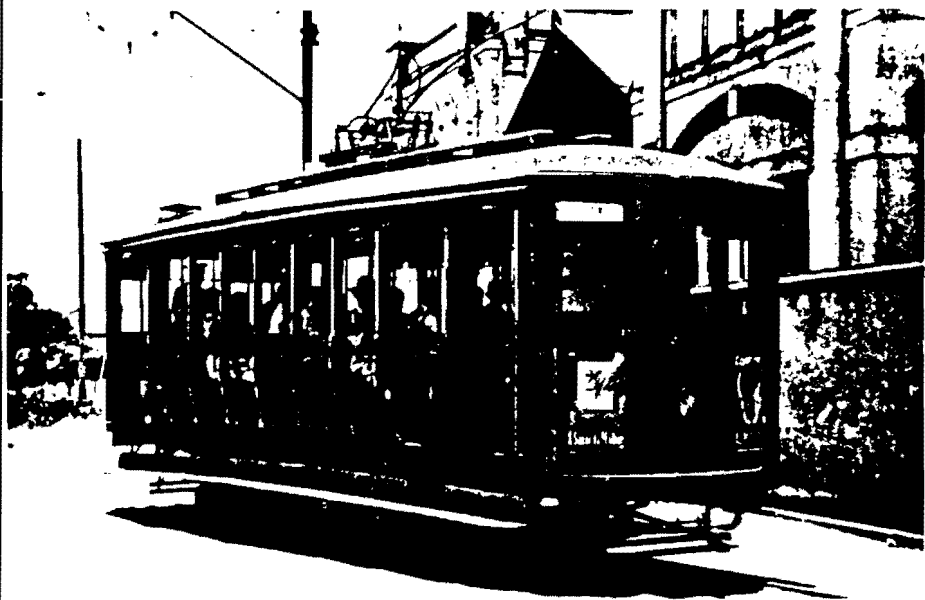
1. Localização e história

O município situa-se na zona fisiográfica do mesmo nome e está distante 138 km em linha reta da capital do Estado.

O rio Piracicaba começou a ser percorrido na época das bandeiras; por volta de 1693, Pedro de Moraes Cavalcanti faz um pedido de sesmaria para o local, sem contudo obter resultado.

Com a descoberta de ouro em Culabá e a construção de uma estrada para aquela localidade em 1718, a fim de facilitar o transporte de gado e tropas, por ser um dos locais de passagem e pouso dos viajantes estabelecido pelo construtor da estrada, Luiz Pedroso de Barros, originou-se a formação de um pequeno núcleo, datando daí o povoamento de Piracicaba.

Apesar de tudo a estrada para Culabá não teve o resultado esperado e poucos anos durou, tendo sido abandonada pouco depois de sua construção. Mas a semente estava



Bonde da Vila Rezende (foto de Waldemar Sampaio) — Piracicaba — 8-12-1952
Vila Rezende's Tram in Piracicaba

lançada e em 1766 o capitão general D. Luiz Antonio de Souza Botelho Mourão, Morgado de Mateus encarregou Antonio Corrêa Barbosa de fundar uma povoação para facilitar o transporte de viveres e munições para as tropas instaladas na Vila Iguatemi, nas fronteiras do Paraguai. A povoação se formou nas imediações do salto de Piracicaba em 1.º de agosto de 1767.

Em 1770 já se achava aberta a estrada e em 21 de junho de 1774, com a posse de seu primeiro pároco — padre João Manoel da Silva — a povoação foi elevada a freguesia.

Após a introdução da cultura de cana-de-açúcar, o lugarejo prosperou e em 10 de agosto de 1822 é elevada a vila.

A lei provincial de 24 de abril de 1856 eleva a vila à categoria de cidade, com o nome de Constituição, nome esse que permaneceu até 19 de abril de 1877, quando a lei n.º 21 da assembléia provincial alterou o nome para o primitivo "Piracicaba".

Em fevereiro de 1887 é inaugurado o ramal da Sorocabana Railway, ligando Piracicaba a Itu.

Nessa época Luiz Vicente de Souza Queiroz instala uma escola agricola, que depois foi doada ao Estado e se transformou na conhecida Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, de renome internacional.



Bonde elétrico ao lado da estação da Estrada de Ferro Paulista
(foto de Waldemar Bampaio) — Piracicaba — 8-12-1952
Electric tram, in side of the Railway station from Paulista Railway comp.

2. Bondes

Em fins de 1914 a South Brazil Electric Co. apresenta à câmara municipal uma proposta pedindo o privilégio para explorar a força do salto do rio Piracicaba, para

efeito de obtenção de energia elétrica, oferecendo em contrapartida bondes elétricos para a cidade.

Em 7 de setembro de 1915 são aprovadas as bases para o contrato que seria por 30 anos.

A primeira linha do contrato seria uma para a Escola Agrícola Lulz de Queiroz, que a empresa se comprometia a instalar dentro de 90 dias e mais outras dentro de um ano.

Em 6 de outubro são iniciados os trabalhos de construção das linhas de bondes elétricos. Somente em 28 de dezembro de 1915 é que chegam os primeiros carros de passageiros, prevendo-se para o início do ano seguinte a inauguração do tráfego.

Dia 15 de janeiro de 1916, com ata da câmara municipal é realizada a tão esperada inauguração, com o comparecimento de altas autoridades locais.

As 13 h saiu o primeiro bonde, conduzindo vários convidados. O povo levantava vivas à cidade enquanto a banda de música executava o hino nacional e subiam aos ares as célebres girândolas de foguetes.

A 6 de dezembro de 1921 é inaugurada a linha da vila Rezende, com ponto terminal na estação da Estrada de Ferro Sorocabana.

Em 10 de março de 1922 é inaugurada parte da terceira linha que seria até a Escola Normal, linha essa que não chegou a ser terminada.

Com o aparecimento dos ônibus, os bondes foram sendo esquecidos — pois a compra de peças era proibida, enquanto havia facilidade para importação de automóveis de toda a espécie e gasolina à vontade — e os serviços tranviários se tornaram deficitários.

Finalmente o serviço passou para as mãos da prefeitura que ainda o manteve por vários anos, até que em outubro de 1969 foi extinta a última linha, que servia à Escola Agrícola.

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE PIRACICABA

Rua João Sampaio, 666 - CEP 13.400 - PIRACICABA - SP
Fundado em 1967 CGC. 50853878/0001-48

COMPOSIÇÃO

Este livro foi composto nas oficinas gráficas do Jornal de Piracicaba graças à colaboração de seus diretores Dra. Antonietta Rosalina da Cunha Losso Pedroso e Dr. José Rosário Losso Netto.

IMPRESSÃO

Oficinas gráficas da Imprensa Oficial do Município de Piracicaba-SP.

A Fundação de Piracicaba

(ESBOÇO HISTÓRICO)

I

A respeito da fundação de Piracicaba, ha uma tradição que parece vir de longe, sempre repetida de paes a filhos e, afinal registrada por M. E. Azevedo Marques, nos seus *apontamentos Historicos*, e que é a seguinte: «O principio da povoação foi servir de degredo; os capitães-mores de Ytú e Porto Feliz, quando algum dos seus subditos lhes cahia em desagrado, faziam-n'ò embarcar em Porto Feliz, descer o rio Tieté até a foz do Piracicaba, subir por este e largal-o em Piracicaba, então denominado sertão. O ultimo capitão-mor de Ytú, Vicente de Costa Taques Goes Aranha, notavel pela sua administração despótica, ainda mandou gente para ali. Mas um desses desgraçados, não se conformando com o seu destino e calculando que apezar de longa a viagem por agua não devia estar muito longe de Ytú, emprehendeu romper o degredo, metten-se nas brehhas nessa direcção e ao avistar do alto do Samambaiá⁽¹⁾ a sua terra querida, deu um brado de satisfação. Pelos traços deste desgraçado foi aberta a estrada de Ytú para essa localidade e de então em diante forão ali sendo dadas sesmarias de lado a lado.»

Asseguram ainda alguns dos nossos velhos o seguinte: Surprehendido o Capitão-mor de Ytú de se achar em sua presença o temível degredado, que expontaneamente se lhe apresentara, tanto mais se espantou quando esto relatou-lhe o seu feito, e então, visivelmente satisfeito, disse-lhe o capitão-mor: «O que te vale é a tua coragem e temeridade, o que faz com que, em nome de sua magestade que Deos guarde, eu te perdôe em ter desobedecido a minha determinação.»

Graças á publicação official de documentos interessantes colleccionados pela repartição de Estatística do Estado de São Paulo, estamos hoje habilitados a não aceitar essa *tradição* senão como uma méra *lenda*. Parece que foi ella urdida com fins diversos: de vi-tuar os intuitos que levou D. Luiz Antonio de Souza Botelho Mourão Morgado de Matheus Capitão general da Capitania de S. Paulo, de crear a povoação de Piracicaba em 1767; diminuir os primeiros povoadores que para aqui foram attrahidos pela fertilidade do solo de terra roxa apuradissima; phantasiar um infeliz degredado como possuidor de instincto de direcção em tão apurado grão, que só lhe bastou uma unica viagem de Porto Feliz a Piracicaba para precisar a direcção geral dos rios Tieté e Piracicaba,

(1) Espigão que divide as aguas de Capivary e Jundiaby.

desde o ponto de encontro, desses rios até os saltos de Ytú e Piracicaba, e então calcular que, apesar de longa a viagem por agua, não devia elle estar muito longe de Ytú, sua terra querida. Essa *lenda* quer se valer da fundação de Piracicaba para accentuar as arbitrariedades dos capitães-mores de Ytú e Porto Feliz. O Capitão-mor de Ytú, Vicente da Costa Taques Goes e Aranha, foi eleito em 1779, 12 annos depois de fundada esta povoação, e cinco annos depois de ser elevada a freguezia, e só prestou bons serviços a Piracicaba, revelando em tudo o seu grande talento, espirito humanitario e caracter são. O capitão-mor de Porto Feliz, Francisco Corrêa de Moraes Leite, ainda excedeu o seu collega de Ytú nos bons serviços prestados a Piracicaba, e em nenhum partido tirou desta povoação com o fim de castigar os seus subditos que lhe cahiam em desagrado, pois que a modesta freguezia de Ararytaguaba foi elevada a villa em 1797 com o nome de Porto Feliz, quando a freguezia de Piracicaba contava já 23 annos de existencia e era já de alguma importancia e muito futura.

Deixando, portanto, de dar qualquer valor as lendas, escriptas ou oraes, passamos a relatar a historia da fundação de Piracicaba de conformidade com os dados que encontramos nos registros officiaes, e de copias de documentos valiosos que achamos publicados, quando no archivo do Estado não se encontram os mesmos originaes. Obtivemos tambem muitas cartas e documentos de alto valor historico e valor moral de diversos colleccionadores de documentos e dados e que cultivam o gosto para os estudos de costumes dos nossos avoengos. Ao incansavel, criterioso e illustrado director do Archivo de S. Paulo -- o modesto Dr. Antonio de Toledo Piza -- não sabemos como manifestar-lhe, quanto nos sentimos penhorado por ter elle attendido com promptidão todas as nossas consultas.

II.

O brigaddeiro Machado de Oliveira, no seu *Quadro Historico*, diz o seguinte:

«Logo que soube-se em São Paulo das descobertas que Paschoal e seus companheiros tinham feito nas circumjacentias de Cuyabá, moços e velhos dispuzeram-se a partir para ali, em procura de riquezas que sua cobiça elevava a um ponto desmesurado; e dentro de poucos dias puzeram-se a caminho, divididos em grupos que seguiam uns após outros, embarcando no Tieté, e navegando este e outros rios que vão ter ao Cuyabá. Estavam esses homens exclusivamente dominados pelo objecto que os levou a emigrarem do seu paiz, e tanto assim que lhes foi censa estranha ou secundaria o curarem da propria manutenção e segurança para viagem prolongada e perigosa, em que por certo deparariam com mil difficuldades e riscos. Assim desprezavidos não tardou muito que viessem victimas uns da fome, outros das intermitentes dos paiz

do Tieté, e muitos dos Payaguás⁽¹⁾, que em numerosas canoas affrontavam as expedições n'aquelles paragens em que não podiam ser evitados.

A Cuyabá não chegou senão um pequeno numero desses infelizes, rachíticos, transidos de miseria e molestias e sem que pudessem por muito tempo dar-se a outro mister que não fosse a sua convalescença.»

Descobertas as minas de Cuyabá em 1718 por Paschoal Moreira Cabral, quando em conquista ao gentio Aripoconé, Rodrigo Cezar de Menezes, Capitão general da Capitania de São Paulo, resolveu abrir um caminho de São Paulo em direitura a Cuyabá e para esse fim publicou o seguinte Bando em que convidava aquelles que se julgassem habilitados a executar essa tarefa a apresentarem a sua petição:

Rodrigo Cezar de Menezes etc. — Por ser conv.^{te} ao real serviço de S. Mag.^{de} q' D.^s g.^e e aos moradores desta capp.^{nia} abrir-se o caminho p.^{to} certão p.^a as novas minas do Cuyaba, p.^a ficar mais facil a todos o hirem, e virem com cavalos, e cargas com mais comodidade de q' até gora experimentão pellos rios por onde se navega assim, a respeito da dilacão como do risco, secos, e correntezas do d.^o Rio e tendo consideração a todas essas rezões pello grande desejo, q' tenho de procurar adiantar todas as utilidades dos moradores desta capp.^{nia}, e q' ella seja a melhor e mais abastecida, tenho procurado, q' algúas pessoas della abráo o caminho em direitura pello certão de sorte q' fique a todos mais facil, a sua condução e por q' nesta capp.^{nia}, ha pessoas abastadas de escravos, e com prestimo, e intelligencia, p.^a emprenderem, e conseguirem o fim desta delligencia logo: Ordeno, e mando q' toda a pessoa q' quizer abrir o d.^o cam.^o, pode vir fallarme, ou apresentarme petição em q' declare o quer abrir, e as conveniencias que se lhe hão de fazer, respeitando o trabalho, e despeza q' ha ter no d.^o caminho, por q' se hade fazer o ajuste com aquella pessoa, q' se entender o fará logo, e pedir os premios, e horas, q' forem iguaes ao serviço que ha de fazer, e toda pessoa q' quizer este serviço a S. Mg.^{de} apresentará a sua petição na Secretr.^a deste Governo até 24 do mez q' vem, para eu tomar sobre este particular o expediente q' for mais conveniente ao real serviço e para q' chegue a noticia de todos mande y lançar este bando q' se publicará na praça d'esta cidade e suas principaes della e depois de reg.^{do} na Secretr.^a d'este Governo se fixará no corpo da guarda. Dado nesta cid.^e de São Paulo aos 23 de Novr.^o de 1721. Tambem se mandou lançar na Villa de Santos e nas de Ourú e Sorocava.

Entre os paulistas notaveis pela intelligencia e intrepidez, era apontado n'aquella epocha o denodado Luiz Pedroso de Barros, que dirigira um corpo de paulistas na guerra dos Emboabas na qual os

(1) Os Payaguás formavam uma nação feroz e guerreira que habitava as margens do rio Jaguary e estendia-se aos sertões de Matto Grosso e Goyaz.

portuguezes pagaram caro o morticínio do Campo da Traição.⁽¹⁾ Por esse motivo ficou Pedro de Barros criminoso, e, com o fim de obter o perdão, se propoz a Rodrigo Cezar de Menezes abrir á sua custa até as margens do Paraná o caminho em direcção a Cuyabá. Luiz Pedroso concluiu a factura do caminho em 1726 e, alem do perdão do seu crime, recebeu o habito de Christo e a tença de 50\$000 por anno.

Este caminho atravessava o Rio Piracicaba logo abaixo das corredeiras do salto do mesmo nome em *um bairro arcuoso que dava perfidamente rio durante o tempo invernoso.*

Começou então Piracicaba a ser povoado por sertanejos e posseiros attrahidos pela abundancia de pesca e de caça e pela fertilidade de seu solo de terra roxa apuradissima — se bem que tivesse Pedro de Moraes Cavalcanti, em 1693, requerido uma sesmaria abrangendo uma e outra banda do rio, ficando-lhe o salto no meio e allegando na sua petição que iria povoal-a com toda a sua familia.

Logo depois da sua abertura, foi abandonado o caminho de Cuyabá e, segundo se deprehe de alguns documentos antigos a causa foi a difficuldade nas cobranças dos quintos de ouro, e de outras, a sua difficil conservação e penosa travessia pelos sertões e rios candalosos.

A viagem a Cuyabá pelo caminho dos rios, como chamavam, tornava-se cada vez mais perigosa, pois eram os aventureiros atacados pelos indios payaguás e cayapós que offereciam verdadeiras batalhas navaes ás monções que iam e vinham pelos rios em caminho das minas daquellas paragens. De uma expedição de 300 homens na monção de 1725 somente escaparam dous brancos e tres pretos, sendo os demais trucidados pelos indios. Referindo o brigadeiro Machado de Oliveira a uma expedição que compunha-se de 100 homens armados e os remeiros, expedição toda de defensiva que devia guardar cerca de oitenta arrobas de ouro remetidas de Cuyabá a S. Paulo, a cargo do D.^r Antonio A. Lanches Peixoto, diz o seguinte:

«A mais numerosa e mais bem aprestada daquellas expedições foi a que sahiu de Cuyabá em 1730 com o fim de atacar os Payaguás para que não fizessem preza de um comboio que vinha em sua guarda e conduzia para São Paulo mais de sessenta arrobas de ouro a cargo do Ouvidor Lanches Peixoto. A expedição foi nos pantanaes da embocadura do Jaguary affrontada pelos indios que em numero de oitocentos embarcados em oitenta canoas acommetteram-

(1) A guerra dos Emboabas, em Minas-Geraes, teve duas phazes. na primeira os paulistas, que eram sinceros, foram enganados, trahidos, desarmados e assassinados em massa pelos portuguezes, no logar tornado celebre com o nome de Capão da Traição; na segunda os paulistas commandados por Amador Bueno da Veiga (que puzo ou nada fez) e por Luiz Pedroso de Barros, assolaram as propriedades dos Emboabas, mataram quantos poderam e retiraram-se para São Paulo sem terem podido todavia tomar o reducto fortificado pelos portuguezes.

na e a derrotaram, não sem forte resistencia da parte dos brancos, dos quaes apenas escaparam a nado dezeseite, sendo a perda dos indios estimada em quatrocentos que morreram no combate. O ouvidor La'les entrou no numero dos mortos.

Os Payaguás só renunciaram o seu dominio á força depois que em 1733, pôde partir de S. Paulo uma forte expedição armada organizada pelo capitão general Antonio Luiz de Tavora Conde de Serzedas. Foi commandante da expedição o sorocabano Gabriel Antunes Maciel e esta foi bastante encorporada pelos sertanejos e posseiros de Piracicaba que por intermedio do seu chefe Manoel Corrêa Anzão, então já idoso e descendente de um dos antigos capitães-mores de Itú, assim respondeu ao appello do Conde de Serzedas:

Ex.^{mo} S.^r

Meu S.^r em vinte e dous de Março recebi Hũa de V. Ex.^a de vinte e sete de fevereço, de cuja fiz a estimação q' possível me foy engradeço a V. Ex.^a o quanto poço am.^o que me fiz e pella ou'ra tão jenerosa com que aumenta aminha Peçoa, cesão de Príncipe como V. Ex.^a Do que V. Ex.^a me fez m.^o, vije estimara muito va eu p.^a a conquista dos Barbaros, que emestão as minas do Cuyabá, sem duvida nenhuma, Ex.^{mo} S.^r devemos como vasallos de S. Magd.^e q' Deos g.^o não faltará nesa similhante occasiões, q' são tanto do cred.^o da nação e do Sev.^o do mesmo S.^r, pello q' a mim toca estou pronto p.^a dar gosto a V. Ex.^a e servir ao Soberano como devo, com o limitado com que me acho, aindaq' os annos me permitião algú dezanço, contudo não poço ter major do q' serviree V. Ex.^a demim, p.^a esa occasiã e o mesmo serrei emtodas os mais q' V. Ex.^a for servido ocupar-me pois se com menos annos e só pella conveniensiã propria me atisquey a criar com os mais aquelle certão, com a presente occasiã que não só promete conveniensiã como vê tanto cred.^o e ou'ra e do servico de S. Magd.^e q' Deos g.^o me não devo ezibir segurando a V. Ex.^a q' p.^a satisfacão desta m.^a Brigação, me Considero commenos id.^o do que tenho, e com não menos talento doque tinha quando poresas parazes andey. Doque V. Ex.^a mefaz m.^o, me diz, sedão os aviamentos nesarios pella m.^a emPossibiliç, agradeço a V. Ex.^a muita esa m.^o, segurando a V. Ex.^a semeachace com mais augm.^{to} de fortuna sem mais despeza viria q' esa era a m.^a o Brigação, pedindo a V. Ex.^a ocupe a m.^a vont.^e, q' p.^a servir a V. Ex.^a fico pronto como devo.

Deos g.^o a Peçoa de V. Ex.^a m.^{tos} annos. Piracicaba 28 Marco de 1733

De V. Ex.^a

o Mais humilde

Escravo

Manoel Correa Anzão.

Corrêa Arzão percorrera com seu pai Antonio Rodrigues Arzão, em fins do seculo 17, os sertões de Cuyabá, quando ainda não tinham sido descobertas as minas do mesmo nome. Era bisneto de Cornelio Arzão, natural de Flandres, que se casara com a paulista Elvira Rodrigues. Foi o pai do sertanejo residente nas proximidades do salto de Piracicaba quem forneceu a Bartholomeu Bueno de Siqueira (mais tarde victimado pelos indios Payaguás no lugar denominado Canandó, no rio Paraguay) e Carlos Pedroso da Silveira, as indicações relativamente ao sertão por elle percorrido e habilitando-os assim a que fossem os primeiros a trazer ouro das minas de Minas Geraes.

Era, pois, Manoel Corrêa Arzão representante proximo dos valerosos povoadores paulistas d'aquella raça mestiça que de ordinario, mais diligente que os indios e mais forte que os portuguezes, e, segundo Azevedo Marques, formavam a milicia para a conquista dos sertões, e que atacaram as reduções jesuiticas entre o Paraguay e Paraná. Pôde elle ser comprehendido entre aquelles que o sabio viajante Saint Hilaire assim descreve em sua Viagem á Provincia de São Paulo :

«O interior do Brasil não foi sempre cortado por estradas e «nem semeado» de habitações hospitaleiras: houve um tempo em que «n'elle não havia nem uma cabana, nem um signal de cultura e em «que os aniaes ferozes se disputavam o dominio; então **os paulistas** e percorriam em todos os sentidos. Estes audaciosos aventureiros, como se verá detalhadamente mais tarde, penetraram varias vezes o Paraguay, descobriram a provincia de Piahy, as minas de «Sabará e as de Paracatú, internaram-se nos vastos desertos de Cuyabá e de Goyaz, percorreram a provincia do Rio Grande do Sul, chegaram pelo norte do Brazil até o Maranhão e ás margens «do Amazonas, e, tendo escalado a cordilheira do Perú, atacaram «os hespanhoes nos centros de suas possessões.

«Quando conhece-se por experiencia quantas fadigas, privações e perigos perseguem ainda hoje o viajante que percorre esses longinquos paizes, e se tem lido em detalhe as excursões intermináveis dos antigos paulistas, sente-se uma especie de estupefacção, e «como que se é obrigado a reconhecer que estes homens pertenciam a uma raça de gigantes.»

Com a morte do Conde de Sarzedas, governador de S. Paulo, em Agosto de 1737, no lugar denominado arraial das Trabiras das minas de Cuyabá, Gomes Freire serviu de capitão general interino até 1739, quando D. Luiz de Mascarenhas tomou conta do governo, servindo até 1748. Neste anno foi supprimida a Capitania de São Paulo e annexada á do Rio de Janeiro, durando isto até 1765 quando foi por ordem do Marquez de Pombal reorganizada a Capitania de São Paulo.

Até aqui quasi todos os capitães generaes só trataram de explorar os paulistas em beneficio da Casa Real, sendo sempre inquietados

para empregarem-se no real serviço. Aos que sacrificavam vida, liberdade e fortuna em prol da causa do Governo, aos poucos felizes pelo patronato dava-se um habito de Christo com tença de 50\$000 annuaes que nunca se pagava, e tinham por premio o esquecimento, o abandono e a miséria. O despotismo colonial, o sequestro da liberdade de commercio, o militarismo que retirava da lavoura os melhores braços e as melhores cabeças, a ponto que as populações tinham em toda parte maioria absoluta de mulheres sobre os homens, tudo regido por capitães generaes que nada tinham de caritativos e de desinteressados, quando não eram gatunos, como Caldeira Pimentel. Tudo isso reduziu os paulistas militares a uma vida de privações, com solidos atrazados de 3, 4 e mais annos, e sempre mal vestidos e mal alimentados; os paulistas que exploravam o ouro eram tentados a abandonar as minas em consequencia de tantos vexames a que dia a dia eram submettidos e os caipiras empregados na agricultura internavam-se pelos sertões, evitando deste modo se encontrarem com aquelles que se relacionavam com os potentados da Capitania.

Tendo sido por carta regia de 1730 condemnada ao abandono a estrada para Cuyabá a qual passava por Piracicaba, tornou-se este lugar um excellente ponto de refugio para os *caboculos* paulistas que não dispunham de influencia e que portanto estavam sujeitos a violencias inauditas.

Restaurada pelo Marquez de Pombal a capitania de S. Paulo, que estivera supprimida durante 17 annos, foi eleito o melhor intencionado dos governadores que jamais teve a capitania - o capitão general D. Luiz Antonio de Souza Botelho Mourão, Morgado de Matheus. Foi elle quem mandou crear a freguezia de Piracicaba, e fundar o posto militar de Iguatemy, á margem esquerda do rio que lhe dá o nome. O fim da creação da colonia e do posto militar de Iguatemy em territorio fronteiro ao Paraguay, era ao que parece impedir que os hespanhoes invadissem o territorio do Brazil por este ponto.

Entre os muitos actos de violencia governativa deste capitão-general que no entretanto foi o de todos menos ruim, bastará que citeemos o seguinte:

Mandou recolher á cadeia de Ytú a septuagenaria mãe e aos rneãos do soldado desertor da expedição de Iguatemy, Gaspar Vaz da Cunha, até que este apparecesse, o que com effeito verificou-se, soffrendo a infeliz mulher mais de quatro mezes de prisão!

III

D. Luiz Antonio de Sousa Botelho, Capitão general da Capitania de S. Paulo, nomeado por carta regia de 6 de Janeiro de 1765, resolveu, para melhor garantir a posse do terreno litigioso desta capitania entre Portugal e Hespanha, fundar uma colonia na

margem do Rio Iguatemy, em territorio fronteiro ao Paraguay. Infelizes recrutados aqui e ali em todas as povoações da capitania, eram levados sob violencias inauditas a Porto Feliz, então Ararytaguaba, e seguiam dali, Tieté abaixo, em penosissima viagem de canôa, em busca da malfadada colonia que tantos soffrimentos inflingiu aos paulistas e que afinal foi arrasada pelos paraguayos em 1777.

No intuito de facilitar as continuadas expedições que conduzião pessoal, viveres, armamentos e vestuários para a nova colonia, entendeu o Capitão-general que seria conveniente crear povoados nas margens das corredeiras do Tieté, para maior commodidade e presteza na passagem das expedições, de uma a outra extremidade dessas corredeiras.

A despeito da boa vontade que havia da parte do Capitão-general, em conceder sesmarias e crear povoados em terreno marginal ao Tieté, não obteve o desejado fim devido a informações de que eram aquelles logares pestilentos e doentios. Modificou então o seu plano, dando maior desenvolvimento á povoação de Piracicaba, para onde envião em princípios de Agosto de 1767, Antonio Corrêa Barboza, com uma turma de criminosos, tendo em vista construir canôas e sujeitar os mesmos a este trabalho em quanto esperavam qualquer expedição para Iguatemy, e promover a cultura para fornecimento de viveres, com destino áquella desastrosa colonia. Corrêa Barbosa estabeleceu-se na margem direita do rio Piracicaba, logo abaixo do salto, no lugar onde é hoje pasto da fazenda de S. Pedro, de propriedade do ex.^{mo} Barão de Rezende.

O local acima indicado, pela sua configuração physica, pela sua uberidade e riqueza de suas mattas, offerecia excellentes vantagens para o fabrico de canôas, na *ravação* do matto para o rio que forma neste uma grande curva.

Havia ordem expressa para que o povoador tractasse aos que aqui se achavam já estabelecidos, *gente afamillhada*, como eram denominados, *com toda a brandura e sem vexação*.

A resolução tomada por D. Luiz Antonio muito concorreu para o desenvolvimento de Piracicaba. Alem dos desordeiros que para aqui eram remetidos de todos os logares da Capitania e que estavam promptos a seguirem a qualquer hora para Iguatemy, ou para outro lugar, em expedições que entendiam ser *muito do serviço de S. Magestade*, vinham tambem outros, que tinham cahido no desagrado de Capitães-mores e não queriam ser vexados por estes, estabelecer nesta zona as suas culturas, e os seus productos encontravam sahida franca para o fornecimento de Iguatemy. Estes não participavam dos regulamentos a que estavam sujeitos os recrutados e desterrados.

Em principio de 1770 achava-se o Capitão general muito interessado em abrir um caminho por terra para expedições de socorro á praça de Iguatemy. Informado do picadão aberto por Luiz Pedroso de Barros, que passando por Piracicaba ia ter ao Rio

Grande e ás minas de Cuyabá, ordenou Corrêa Barbosa que se procurasse encontrar vestígios do mesmo. Foi fácil a Corrêa Barbosa seguir o traçado da estrada de ambos os lados do rio e dar de prompto noticias ao Capitão general, de quem recebeu a seguinte resposta:

Muito me alegro com as boas noticias de ter acertado com a picada dos antigos para abrir por ella o caminho de q' o tenho encarregado, para o Iyahy, e como esta obra hé de tanta utilid.^o para aquella Povoação, recomendo muito a Vmce. torne a continuar a diligencia, pois convem muito fique acabada este anno, antes de entrarem as aguas; e para que Vmce. possa formar a gente inutil com outra mais sufficiente, recorrerá aos commandantes que agora vão apromptar a Expedição; para que a reforcem com os recrutas necessarios.

Vae a provisào para se levantar a Capella nessa Povoação, Vmce. lhe procurará o melhor sitio, na frente da praça principal, e delineará de modo que possa servir mais tarde de Capella-Mór, a todo o tempo que quiz, rem acrescentar o corpo da Igreja para fazer freguezia.

A invocação ha-de ser de Nossa Sra. dos Prazeres, minha Madrinha e a Padroeira da m.^a Casa, e a sua imagem ha-de-ser colocada no altar-mór; pois tenho tenção de a fazer venerar em toda a parte que puder; dos lados, ou nos altares colateraes se ha-de colocar os dous Santos de meu nome que são S. Luiz, rei de França, e Sto. Antonio de Padua; no caso que não hajam essas Imagens, com aviso de Vmce. as mandarei fazer. Vão as licenças necessarias, para que o Revd. Padre Angelo Pais de Almeida possa levantar altar portatil e dizer Missa aos Domingos e dias Santos, e em occasiões de enfermos, tudo por tempo de quatro mezes, dentro dos quaes farão a Capella; e hé preciso logo sem demora se cuide nisso com toda a diligencia e com toda a grandeza possível porque feita ella quero procurar que se desanexem e tenham proprio Paroco sem depender de Itú. Não tenho duvida em fazer vir o seu irmão para que fique nessa povoação substituindo a falta de Vmce. em sua auzencia.

Vae o sal que Vmce. pede, e me obriguei a pagallo na forma que tenho feito as mais cousas. Não hei de faltar em cousa alguma ao q' Vmces. quizerem, o ponto é que da parte desses Povos se trabalhe e faça todo o possível por estabelecer uma boa Povoação e conseguir a abertura do caminho a Iyahy. Ds. g.^{de} a Vmce. m.^s an.^s S. Paulo 26 de Julho de 1770. D. Luiz Antonio de Souza.

Na diligencia de aviventar o picadão antigo de Piracicaba a Ytú despachou daquí Corrêa Barboza algumas praças que, seguindo vestígios e abrindo picada, sem grande demora apresentaram-se ao Sargento-mor de Ytú Antonio Pacheco da Silva. É possível que quem commandava as praças fosse um Ytuano e dali a lenda do audacioso degredado de que fizemos menção no principio deste trabalho.

Já em princípio de Novembro de 1770 achavam-se Antonio Corrêa Barbosa e Luiz Vaz de Toledo Piza (*) com o picadão aberto até os campos fronteiros: ao salto do Avanhandava - isto é - cerca de 50 leguas de caminho foram feitas em 4 mezes! E' que nos tempos de D. Luiz Antonio de Souza encontram-se *observações* como esta nas ordens que eram dadas:

«Observo a Vmcc. que para fazer abreviar essa diligencia cui-de logo em satisfazer o que prometten sem demora nem desculpas, que não admitto.»

Em 1771 foi Antonio Corrêa Barboza nomeado Capitão, em attenção aos bons serviços prestados na abertura do caminho de Piracicaba ás margens do Rio Grande, e em outras diligencias de máxima importancia que se lhe occorregaram, relativas á colonia de Iguatemy, sob o commando do Sargento-mór Luiz Vaz de Toledo Piza.

Em 1774 foi a povoação de Piracicaba elevada a freguezia e nomeado vigario da mesma o P.^o João Manoel da Silva. No dia 29 de Junho desse anno fez elle o primeiro baptizado - segundo se vê no «Livro que aule Servir p.^o asento de Baptizados de brancos e Libertos:» - -

«Antonio - aos vinte e nove dias do mez de Julho de mil sette centos e setenta e quatro annos, na Igreja desta nova Freguezia de Piracicaba, baptizei e puz os Santos Oleos a Antonio, innocente, filho do Director Antonio Corrêa Barboza e sua m.^{te} Anna Lara da Silva. Forão padrinhos o Cap.^o Joaquim Fernandes da Costa, viuvo, e Anna Novaes de Magalhães casada com T.^o Francisco Xavier de Azevedo, por procuração que me apresentaram Antonio Coelho da Silva e Isabel Barboza da Silva casada com José Flores de Moraes, todos desta freguezia, excepto os padrinhos que são da villa de Itú, de que fiz este assesto e assigney

O Vgr.^o João Manoel da Silva.

Em 1775 foi substituido D. Luiz Antonio de Souza Botelho Mourão do governo de S. Paulo, pelo feroz, perverso e *malvado* Martin Lopes Lobo Saldanha, o qual só procurou desfazer o que de bom havia feito o seu antecessor, que era homem de talento e de grande sagacidade.

Abandonou o colonia de Iguatemy e com isto veio a soffrer a nascente freguezia de Piracicaba, principalmente a sua nova lavoura que tanto prosperava com os fornecimentos que fazia áquella colonia; e depois o capitão director Antonio Corrêa Barboza, imitando o capitão general, tornou-se tambem violento, perverso e despótico. Os seus desmandos e atrevimentos se extendiam a toda população da freguezia, até ao proprio vigario, que deixou a igreja em fins de 1776, queixando-se publicamente de Corrêa Barboza com quem havia

(*) O primeiro era denominado O Povoador. O segunda foi mais tarde companheiro de *Tiradentes* na *Inconfidencia Mineira* e morreu na costa d'África em degredo perpetuo.

tido fortes encontros. Era todavia commandante da força armada aqui destacada, Carlos Bartholomeu de Arruda, natural de Ytú, onde tinha a familia (1) e este, felizmente, abrandava em muito o genio de Corrêa Barboza.

Porém por pouco não ficou Piracicaba privado desse elemento de ordem. Havia fallecido um emigrado que lograra ajuntar fortuna, e a amizade de Carlos Bartholomeu com a viuva deste se tornou bastante escandalosa. Corrêa Barboza levou o facto ao conhecimento do capitão-mor de Ytú e pediu a retirada do commandante da força. Houve então uma representação da população a favor do commandante e o capitão-mor, conhecedor das perversidades do capitão director, e em difficil abertura, tomou o expediente de retirar a dita viuva para Ytú. De lá requerem a degradedada ao capitão general em S. Paulo, allegando que tinha deixado em Piracicaba seus bens que estavam sendo roubados, estragados e que arbitrariamente tinham-n'a obrigado a deixar suas propriedades. Resultou dessa petição voltar ella a Piracicaba e receber Corrêa Barboza uma ordem expressa n'estes termos: *«Não consinta que Carlos visite Flora em casa d'esta e nem que esta visite o commoandante em casa d'este, e alem disso que não se envolvem em parte alguma, té mesmo na capocira.»*

Foi em 1779 dispensado Carlos Bartholomeu do commando da força e nomeado ajudante de Corrêa Barboza o seu parente Antonio Marques Barboza; porém felizmente era então eleito capitão-mor de Ytú Vicente da Costa Taques Goes Aranha. Este excellente capitão-mor foi realmente incansavel em promover a prosperidade da nova freguezia nos primeiros 10 annos de sua jurisdicção. Si dependesse d'elle, os povoadores não terião por tanto tempo soffrido as violencias do capitão commandante; mas Corrêa Barboza sabia fazer valer perante os capitães-generaes os bons serviços prestados por elle durante os governos de D. Luiz Antonio e Martin Lopes, e recordava-os cada vez que os habitantes de Piracicaba e o Capitão-mor de Ytú representavam contra elle.

(1) Tendo deixado o commando da força em Piracicaba, passou a residir em Ytú, onde mais tarde foi nomeado sargento-mor. Era casado com D.^a Maria de Meira Siqueira, e do seu casamento deixou os seguintes filhos: Manoel Joaquim de Arruda Pinto, casado com D.^a Anna Josepha Pereira de Souza; Carlos José Botelho, casado com D.^a Candida Maria do Rosario; D.^a Eugenia Antonia e D.^a Maria Francisca que falleceram solteiras.

Em 1795 obteve o sargento-mor Carlos Bartholomeu a sesmaria do Bom Jardim do Salto, que comprehende hoje as fazendas S. João da Montanha, Monte Olympio e parte da fazenda do Monte Alegre. Aqui se estabeleceram novamente; gozou de muito influencia e aqui falleceu a 8 de Fevereiro de 1815. Era avô do fallecido chefe liberal C.^{el} Carlos de Arruda Botelho, do Conde do Pinhal e do C.^{el} Paulino Carlos, todos filhos de Carlos José Botelho.

Com o abandono da colonia de Iguatemy ficaram sendo de pouca importancia os motivos da existencia da povoação na margem direita do Piracicaba; não havia mais necessidade de estaleiro para fabricação de canôas e nem do rio como barreiro que difficul-tasse aos soldados e degradados apanharem durante a noite a estrada para Ytú, e por isso promoveram o Capitão director Antonio Corrêa Barboza e o Vigario Frei Thomé de Jesus um abaixo-assignado que chegou ás mãos do Capitão General Francisco de Cunha Menezes, em 6 de Junho de 1784, pedindo a mudança da povoação da margem direita do rio para o lado fronteiro na margem esquerda.

Em 7 de Julho desse anno foi expedida uma ordem ao Capitão-mor de Ytú para que, junto com o Capitão director, fizesse a mudança da povoação. No dia 23 desse mez (decorreram apenas 16 dias) chegou em Piracicaba o Capitão-mor Vicente da Costa, em cumprimento da ordem recebida.

Durante os dias que esteve nessa deligencia informou-se de tudo concernente a esta povoação, e comprehendeu que a falta de prosperidade era devida exclusivamente a Corrêa Barboza, a quem reprehendeu severamente, a despeito do bom tracto que d'este recebera; todavia omittiu no memorial, que então enviou ao Capitão General, o seu juizo particular e desfavoravel a Corrêa Barboza.

Eis a acta do delineamento da nova povoação de Piracicaba:

«No dia sabado trinta e um de Julho de 1784 congregarão-se em a Igreja Matriz o Capitão mor e o Capitão Povoador, Officiaes. O Mestre Entalhador Armador e Povo; e depois de assistirem ao santo sacrificio da Missa e implorarem a graça do Espirito Santo por intercessão da Soberana Imperatriz do Céu e da terra a sempre Virgem Maria Nossa Senhora, e receberem a benção do Santo Padreiro d'esta povoação, foram com o Reverendo Parocho ao lugar destinado para a sua mudança e estabelecimento e sendo ali deli-neou o Mestre Entalhador e Armador abenopiacito de todôs um pateo com quarenta e seis braças em quadra, seguindo de Norte a Sul e de Lesre a Oeste, para edificar-se a Igreja Matriz em qual-quer parte delle, que o Ex.^{mo} Bispo Diocesano ou seu delegado fosse servido consignar, e deliniou mais aos lados do referido pateo duas ruas direitas do Sul ao Norte e duas travessas de Oeste a Leste com cinco braças de latitude com cinco de longitude, plano sufficiente para edificarem suas moradas não só os actuaes habita-dores, mas ainda muitos vindouros, terminando parte do Sul terra a dentro, o do norte o ribeyrinho Itapeva e da parte do Oeste o rio Piracicaba e do Leste o mesmo ribeyrinho, de que para memo-ria a posteridade fez o dito Capitão Mor este termo que assignou com o Reverendo Parocho, Capitão Povoador, Officiaes, Mestre En-talhador e Armador e povo aos dois dias do mes de Agosto do mesmo anno.» As ruas de Piracicaba não se acham alinhadas em

direcção Norte e Sul e de Leste a Oeste — é que o *Mestre Entalhador e Armador* baseou-se pelo pôr do sol, porém não considerou a inclinação que deveria dar para o mez de Agosto.

Ao deixar Piracicaba julgou que havia ali conciliado o pessoal de valimento, porém não tardaram as dissensões. Antonio Corrêa Barboza encontrara difficuldade na construcção da nova igreja, porque o povo desejava que a padroeira fosse Nossa Senhora dos Prazeres, cuja imagem com tanto sacrificio tinham obtido e fôra desde o principio adorada com tanta devoção; com pezar notavam a insistencia do capitão povoador que queria que fosse padroeiro Santo Antonio, santo do seu nome. Afinal a imagem de Nossa Senhora dos Prazeres foi consumida, a nova capella edificada com menores dimensões que a outra construida por ordem de Dom Luiz Antonio, o vigario Frei Thomé de Jesus abandonou a freguezia e os povoadores na maioria tiveram que sujeitar-se aos desmandos do Capitão Commandante.

De Ytú o Capitão-mor enviara ao Capitão-general uma noticia circunstanciada do que observou em Piracicaba, elevou muito a qualidade das terras e a salubridade do clima, indicou as medidas a tomar para o progresso da nova povoação.

Aos seus amigos e parentes aconselhou que fossem comprar partes de terras em Piracicaba, assegurando que breve seriam aqui concedidas sesmarias, e calando no animo de muitos os seus conceitos, vieram estes e entraram em compras e vendas de posses, movimento preparatorio para a obtenção de sesmarias ou de participação nas ratas das mesmas.

As demarcações sem methodo feitas por Corrêa Barboza nas posses concedidas trouxeram por isso muitas duvidas entre compradores e posseiros: estes as sujeitavam ao Capitão commandante, aquelles ao Capitão-mor de Ytú. D'ahi resultaram graves discordias entre os dois Capitães. Corrêa Barboza, ainda com a funcção de suas antigas prerogativas de Capitão Povoador, excedia de suas attribuições de Capitão Commandante, indo de encontro ás ordens recebidas do Capitão-mor de Ytú que era por caracter e educação absolutista em extremo. Resultou então formarem-se aqui dois partidos cada qual fazendo requerimentos contrarios ao Capitão general em S. Paulo.

De uma carta de Antonio Coelho da Silva, lê-se o seguinte:

Mais hoje mais amanhã terá o velho Capitão e povoador de ceder terreno. Recursos aos outros não faltão porque o capitão não consente arranjar esses outros em prejuizo dos que com elle desbravejão este sertão. O Capitão-mor está despeitado com o Capitão povoador e com os povoadores que estão com elle. Estevão Pais e familia não vêm conveniencia na mudança de Capitão Commandante. Os partidarios do Capitão-mor de Ytú, guiados por este, enviaram ao Capitão-general em S. Paulo o seguinte requerimento:

Dizem os moradores da povoação de Piracicaba, termo da Villa de Ytú, que sendo aquella povoação principiada a vinte annos com pouca differença em tempo do Exm. General D. Luiz Antonio de Souza, mandou este para povoadores daquelle continente, individuos da infima plebe como são mulatas, Indios, Festerdes e aquelles que por sua má conducta se faziam hauteis nos logares da sua antiga residencia: e para melhor economia da dita povoação proveo a Antonio Corrêa Barboza em Capitão Director della, o qual foi governando aquelles novos povoadores, não como livres, mas sim como seus escravos, ou pelo menos seus administrados occupando-os mais no seu particular servisso, que no :diuturno da nova povoação, estabelecimento dos ditos moradores: e succedendo pelo decurso dos annos entrarem povoadores de melhor qualidade, conhecendo estes grande incommodo na falta de Sacerdote que lhes administrasse o Pasto Espiritual na dita povoação tão entranhada naquelle sertão, quatorze legoas da Villa de Ytú, entraram os mesmos a rogar e de facto conseguiram da piedade S. E. Rev.^{ma} constituir-lhes freguezia na dita povoação, e provêlla de Vigario, e querendo este na dita povoação e Freguezia exercer bem as funcções do seu Ministerio e congregar aquelle rebanho tão costumado á hua vida alheya do Christianismo se oppoz o dito Cap. Director em forma que o sobredito Rev. Vigario axou ser prudencia retirar-se da Freguezia, e reflectindo os moradores, no seu incommodo vendo-se expostos a viver e morrer como irracionaes tornarão a pedir novo Pastor, e interessando-se o Exm. General que então existia o conseguiram da benignidade de S. E. Rev.^{ma} apezar das informações, que haviam da opposição do Capm. Director aos R. R.^{os} Vigarios e querendo este segundo praticar as maximas do Christianismo, assim como havia feito o primeiro, encontrou a mesma opposição e, talvez com justo temor, desertou da Freguezia, ficando os moradores totalmente desanimados vendo-se expostos a morrerem como brutos, querendo por esta razão sahir daquella povoação e seus estabelecimentos, ficando tambem intimidados os que queriam entrar de novo para aquella povoação, e tambem aos Sacerdotes que daqui em diante hão de impugnar o ir para aquella Freguezia em razão de hua tão forte opposição, não se atrevendo a publicar circumstancias talvez por se não atreverem a proferil-as; e porque foi aquella povoação erecta para bem do real serviço e no deseurso de tantos annos tem a experiencia mostrado não ter adiantamento e nunca o terá em quanto governar aquelle Capm. Director porque antes os moradores não poderam demorar-se mais tempo, antes sim procuraram retirar-se, como já alguns tem feito: Pello que tudo conhecendo os Sup.^{os} a V. Exm. em Loco Tenente da Magestade, para socorrer e providenciar em casos taes e conhecendo outrosim na Egrejia Pessoa de V. Ex.^a hum Animo Catholico e conhecimento para com discernimento conhecer a verdade.

P. h V. Ex.^{ta} Seja Servido informar-se do exposto, e providenciar no caso, sempre na certeza de que enquanto governar aquelle Cap.^{mo} Director nunca será a dita povoação útil, nem terá adiantamento. Os Sup.^{tes} não tem a menor duvida em justificar o expellido, se V. Ex.^{ta} for servido, caso se incubra a verdade.

E. R. M.

Este requerimento teve o seguinte despacho do Capitão General: Informe o Cap.^{mo} Mór do Distrito, ceda individuação sobre o presente requerimento. S. Paulo a 18 de Outubro de 1786.

Em cumprimento a este despacho o Cap.^{mo} Mór de Ytú, Vicente da Costa Taques Góes e Aranha, depois de resumir os fundamentos da petição, deu a seguinte informação:

Todos os fundamentos referidos são inteiramente verdadeiros. Fundou-se a povoação de Piracicaba em o 1.^o dia do mes de Agosto do anno de 1767, com Indios vadios, dispersos e vagabundos, que mandou congregar o Ex.^{mo} Sr. D. Luiz, e pelo mesmo foi nomeado Director e primeiro povoador Antonio Corrêa Barboza por provizão de 24 de Julho de 1766, em a qual como della se vê, se lhe encarrega a regencia daquelles moradores,⁽¹⁾ *com toda a suavidade e sem vexação, e que de todos os conhecimentos fizesse avizo para se darem as providências necessarias,*⁽²⁾ e concorrendo povo de melhor qualidade foi o dito Director promovido a Capitão ⁽³⁾ pelo mesmo Ex.^{mo} Sr. General em 11 de Dezembro de 1771. Hé certo que, esquecendo-se o referido Capitão Director daquellas determinações, e abusando do seu poder ⁽⁴⁾ não reger aquelles como povoadores e libertos, mas como a escravos, castigando-os com açoitos e a pãu; com açoitos como praticou com Antonio de Pontes, Lourenço Rodrigues e Manoel da Costa, e a pãu José Fernandes, José Rodrigues, Manoel Fernandes, João José da Silva e Januário de Tal; e como a escravos os occupava em seu particular serviço. Hé certo que vivendo aquelles habitantes por espaço de seis annos, dez mezes e vinte dias sujeitos a vós Parochial desta Villa, com grave detrimento pela referida distancia, chamarão ao Ex.^{mo} e Rey.^{mo} Prelado, cuja piedade se dignou constituir Freguezia aquella povoação, destinando por diviza

(1) A provisão encarregava a Corrêa Barbosa de estabelecer povoados nas corredeiras do Tietê, devendo elle residir no povoado que deveria crear na foz do Piracicaba e d'alli dirigir os outros povoados, collocando em cada um delles como chefe gente que julgasse de mais prestimo.

(2) Só quanto aos moradores antigos e aquelles que alli se estabelecessem e formassem familia.

(3) Foi nomeado Capitão em attenção aos relevantes serviços prestados em diversas delegencias, em companhia de Luiz Vaz de Toledo Piza, sargento mór de Sorocaba.

(4) Tornou-se máo o Capitão povoador em tempo de Martin Lopes, para confirmar o rifão: Tal anno, tal servo. Martin Lopes destruiu tudo que de bom tinha feito D. Luiz Antonio; Corrêa Barboza mudou aqui tudo — até o padroeiro.

o ribeyro Capivary, e sendo provido Parocho della o Rev.^{mo} Padre João Manoel da Silva, Presbitero secular de virtude e letras, tomou posse da Igreja no dia 21 de Junho de 1774. Hé certo que querendo este cumprir as suas obrigações, fez-lhe em breve fortes encontros o referido Capitão, e alem de muitas circumstancias de desgostos que lhe occasionou, fez chegar a presença do mesmo Ex.^{mo} Prelado em 14 de Agosto de 1775 hum requerimento de queixume ⁽⁵⁾ contra o dito Rev.^{mo} Parocho; e vendo este que a sua vós e a sua diligencia não podiam fructificar, havendo aquella opposição, procurou do Ex.^{mo} Prelado licença para retirar-se, e, conseguindo-a deixou a Igreja no dia 21 de Dezembro de 1776, queixando-se publicamente do referido Capitão e que este era a causa de sua retirada, e que com o pouco que alli ganhava se contentaria, se não tivesse aquella opposição cuja circumstancia calei ⁽⁶⁾ na memoria que escrevi do estabelecimento daquela Freguezia em honra do mesmo Capitão, e ficou a dita Freguezia reunida a esta Parochia por espaço de sette annos cinco mezes e dois dias.

Hé certo que a Providencia Divina compadecida de tanto clamor permittio que ferindo estes meus ouvidos, me obrigou a procurar com todas as forças o remedio. Ao Capitão de Grandeiros Candido Xavier de Almeida e Souza, meu amigo, escrevi em 28 de Janeiro de 1784, pedindo-lhe com empenho que procurasse pelo contorno dessa Cidade, á algum religioso, que, com a annual congrua de setenta mil réis, quizesse ser Parocho daquella Freguezia, e fructificando Deus a diligencia, a poucos passos achou o dito Capitão ao Religioso Francisco Frei Thomé de Jezuz, de propecta idade e exemplar conducta, que não poz duvida em sujeitar-se ás pensões de Parocho, que muitas vezes em o Real Serviço tinha exercido. Com esta certeza que me participou o dito Capitão, escrevi, em 23 de Março de 1784 ao Ex.^{mo} Antecessor de V. E. supplicando-lhe que atendendo aos gemidos daquelle povo interpuzesse o seu respeyto para a consecução de Parocho, e condescendendo elle em minhas rogativas, lançou do Rev.^{mo} Prelado Provisão para o dito Religioso, em 7 de Abril do mesmo anno, e tomou este posse da Igreja em 23 de Maio seguinte. Hé certo que o dito segundo Parocho em mui diminuto tempo ficou gravemente escandalizado do dito Capitão pois indo en á aquella Freguezia em Julho do mesmo anno, por ordem do Ex.^{mo} Antecessor de V. E., para a mudar da parte d'alem para a parte daquem do Rio Piracicaba, fortemente se queixou do referido Capitão, o dito Revdo. Parocho, e satisfazendo-o eu, e reprehendendo áquelle acremente, accomodando tudo, pouco ou nada aproveitou a minha diligencia, pois continuando a mais ao

(5) Corrêa Parboza fez queixa contra o Vigario logo em seguida á posse de Martin Lopes.

(6) Não só calou como ainda affirmou, que vendo aquelle Parocho que não lhe podiam fazer congrua sufficiente para sua conservação a deixou por consenso do Rev. Prelado.

desordens do referido Capitão, de que o dito Rev. Parocho me fez repetidas queixas, desgostou-se este tanto que em fins de Dezembro do mesmo anno sahiu daquella Freguezia e veio a esta Villa com animo de não voltar; porem accomodando-o eu, e reprehendendo com maior acrimonia o referido Capitão, voltou para a Freguezia o dito Rev. Parocho, e estando nella por espaço de 6 mezes vexado e escandalizado cada vez mais, deixou ultimamente em o mez de Julho deste anno, segundo a minha lembrança, queixando-se amarga e publicamente do referido Capitão, o que V. E. a elle mesmo pôde ouvir, pois no convento dessa cidade se acha.

Hé certo que sendo aquella povoação erecta para bem do Estado nenhum augmento tem tido por causa deste Capitão, e nem o terá enquanto elle governar, pois totalmente não atende ao bem espirital e temporal daquelles moradores; e tambem hé certo que da dita povoação tem sahido alguns por aquelle motivo, como foi Christovam Corrêa da Costa, homem branco e famillado, e outros; e tãobem sey que muitos casaes não vão estabelecer-se naquella povoação, temendo as redordens de que continuamente se queixam todos aquelles moradores. Em Dezembro de 1783 queixaram se estes do referido Capitão ao Ex.^{mo} Antecessor de V. E., e indo eu a essa Capital em Janeiro de 1784, ordenou-me o mesmo snr. que conhecesse eu dessas desordens e pacificasse tudo. Assim' o executei applicando todos os meyoys que me occorreram para hua total reforma; porem pouco tempo durou e pouco aproveitou. Na primeira vez que o Rev. Parocho Frei Thomé sahiu daquella Povoação, com animo de não voltar, tendo eu já ultimo desengano da conducta do referido Capitão, representei ao mesmo Ex.^{mo} Antecessor de V. E. os meus sentimentos por carta de 8 de Janeiro de 1785, cuja copia apresento em numero 5, e em resposta me determinou o mesmo sr. que continuasse a reprehender ao dito Capitão e accomodar aquella desordem. Assim o fiz, porem sem fructo algum como fica referido.

Está aquella povoação constituída hum conto dos mayores insultos. A minha vós não se ouve, as minhas ordens e providencias não se executam. Os individuos de melhor conducta não são acceitos, os criminosos allí acham azilo como, Francisco Pedrozo, que relladona Villa da Faxina pelo rapto que fez de hua moça, com a qual foi morar á sombra do referido Capitão, e indo em seu seguimento o pay da mesma com hua precatória daquelle juizo e apresentando-a ao Dr. Correg.^{or} Barroco, que nesta Villa estava de correcção, pedio-me o dito Correg.^{or} que pelo dito Capitão mandasse cumprir aquella precatória, e ordenando-lhe eu com o maior empenho esta execução, deo fuga a hum e outro; tão bem com o criminozo José Soares, com quem ainda á pouco teve o dito Capitão tracto e conversação familiar, sendo eu sabedor das apertadissimas ordens para a sua prisão; e tão bem alem de muitos que não expresso, como João Benedicto preto ferro, que depois de ferir mortalmente ao

pardo João de Almeida, sahio daquella Povoação a vista de todos, sem que para sua captura fizesse o dito Capitão a menor diligencia. Estes e outros infinitos absurdos e desordens tem posto aquelle povo em tal desesperação e ira, que chegam a blasphemar que o referido Capitão ha de ir ao Inferno montado em mim--elle pelos insultos que commette, e en por não dar a ultima providencia, suppondo que nas minhas mãos está o seu remedio. Hé o que posso informar a V. E. que mandará o que for servido.

Ytú, 29 de Novembro de 1786.

Vicente da Costa Tuques Góes Aranha.

Essas informações, apezar de serem prestadas com tanta precisão pelo Capitão-Mór Vicente da Costa, não surtiu, ao que parece, o effeito desejado, pois o Capitão-General interino, Frei José Raymundo Chichorro da Gama Lobo mandou logo em seguida o Conego João Ferreira de Oliveira Bueno fazer uma visita a Piracicaba, sendo esta visita toda de accommodamento e confraternisação.

Tendo em fins de Dezembro de 1786 chegado aqui o conego João Ferréira, logrou elle satisfazer a sua missão. Foi logo nomeado o Capitão Joaquim de Meira Siqueira, amigo de Corrêa Barboza, Capitão-commandante de Piracicaba, e pela terceira vez (Junho de 1797) veio aqui parochiar Frei Thomé de Jesus. Logo que foi substituido o Capitão-general Gama Lobo do governo de S. Paulo pelo devasso Bernardo José de Lorena, em 15 de Julho de 1788, deixou pela ultima vez esta parochia Frei Thomé de Jesus. De então durante dez longos annos ficou Piracicaba dependente do parochio de Ytú, o que evidencia que todo o escarcéo feito pelo Capitão-Mór nos tempos de Corrêa Barboza, no tocante ao bem espirital dos povoadores, obedecia a um plano de pressão contra o velho Capitão-povoador que não lhe prestava a obediencia devida.

Agora a falta de vigario provinha de não haver na população recurso bastante para fazer congrua--excusa negada a Corrêa Barboza.

Durante o governo de Bernardo José de Lorena, filho natural de D. José L., soffreram os povoadores de Piracicaba duras privações em sua liberdade e bem estar. Tornou-se a freguezia um abrigo dos turbulentos corridos de Ytú. Aqui encontravam elles prepotentes amigos do Capitão-Mór e a estes prestavam toda obediencia e até serviam de instrumentos de vingança contra os antigos moradores. Estamos no periodo referido na lenda da fundação de Piracicaba que diz ter o Capitão-Mór de Ytú mandado para aqui subditos seus que lhe cahiam em desagrado.

A freguezia de Ararytaguaba, ponto de embarque no rio Tietê de passageiros e cargas que demandavam a Capitania de Matto

Grosso, denotava pelo seu desenvolvimento que em breve seria elevada a villa, e Piracicaba necessariamente viria a pertencer a Porto Feliz. A cultura da canna de assucar tornara-se pelos annos de 1792 a 1795 uma lavoura lucrativa e vantajosa na capitania de S. Paulo, e o successo dessa cultura nas terras roxas de Porto Feliz fez com que essa qualidade de terra fosse buscada pelos agricultores de canna na creação de novas fazendas.

As plantações de canna n'ellas feitas resistiam 2 e mais annos dando bons cortes, o que não se dava com as terras brancas de Itú.

Havendo já facilidade na concessão de sesmarias, em 1795 aqui foram dadas as do Alferes Joaquim Pereira de Toledo, Sargento-Mór Carlos Bartholomeu de Arruda, Capitão Francisco Franco da Rocha, Ignacio de Almeida Lara e Pedro Leme de Oliveira, Capitão Antonio José da Cruz, Joaquim Francisco da Cruz, Bernardo José Alves e Joaquim da Costa Garcia.

Os pretendentes de sesmarias adquerirão diversas posses proximas uma das outras e então tratavão de obter do Capitão-General a concessão, as quaes, depois de obtidas, eram medidas e demarcadas, e finalmente enviados a Lisboa os papeis para serem confirmados pelo Rei. Muitos dos pretendentes associaram-se com os posseiros para conjunctamente requererem a sesmaria. Outros, que não podiam entrar em accordo com os donos das posses, pediam a sesmaria e ficavam os posseiros sujeitos a rata que era um quinhão de terra proporcional á extensão da cultura feita. Os posseiros para fazerem a venda justificavam a posse antes de dar a escriptura.

Em fins de 1797 foi elevada a freguezia de Ararytaguana a categoria de villa com a denominação de Porto Feliz, e na demarcação de limites na parte que toca a Piracicaba, a linha devisoria entre Itú e Porto Feliz, partia da barra do ribeirão da Forquilha no rio Capivary, e vinha ter ao salto da Piracicaba. Esta demarcação separava a povoação da Piracicaba de forma que uma parte d'ella pertencia a Itú e a outra a Porto Feliz. Originaram-se com esta divizão diversos conflictos entre as duas municipalidades, até que afinal foi estabelecido um accordo em que ficou conferido ao Capitão-mor de Porto Feliz a ordenança da freguezia. Foi eleito Capitão-mor de Porto Feliz, Francisco Corrêa de Moraes Leite e nomeado Capitão commandante de Piracicaba Francisco Franco da Rocha. Este Capitão commandante, de illustre ascendencia, casado com D.^a Maria de Arruda Mello e Amaral, senhora de raras virtudes e assaz educada para aquelles tempos, soube haver-se em tudo como um paulista ás direitas. Homem de bem, muito estimado, de muito fin pratico, e estrieto cumpridor dos seus deveres, mereceu sempre ser apoiado em todos os seus actos pelo Capitão-mor de Porto Feliz que quando d'elle fazia referencia ao Capitão-general, dizia: E' um Off.^{al} que tem servido a S. A. R.^o com toda honra, inteireza e limpeza de mãos.

O Capitão Francisco Franco da Rocha conseguiu attrahir para Piracicaba muita gente bôa, e ao mesmo tempo logrou fazer frente aos Botelhos, parentes e filhos do Sargento-mor Carlos Bartholomeu, que erão capitaneado pelo audacioso e turbulento Alferes Manoel Joaquim de Arruda Pinto, os quaes em tudo procuravam satisfazer seus caprichos, como teremos occasião da demonstrar quando tratarmos dos acontecimentos havidos no primeiros lustre da seculo XIX

J. S. Mello.

Piracicaba

Apontamentos Historicos

Não é a historia de Piracicaba que vamos escrever; para isso faltam-nos muitos dos elementos necessarios, entre os quaes a aptidão especial do historiador.

Ao traçar este artigo, em linguagem singela e chã, só temos em mira reunir e archivar nas paginas do Almanak Litterario alguns apontamentos fornecidos pela tradição e pelos livros existentes no archivo da municipalidade, sobre a fundação e a historia desta cidade, uma das mais importantes e talvez a mais bella da provincia.

É esse o modesto intento que pretendemos realizar -- para satisfazer ao desejo do incansavel editor daquella utilissima publicação.

* * *

É bem nova a existencia desta povoação, entretanto não se pode precisar a data de sua fundação.

No seculo passado o rio Tieté era frequentado pelas monções partidas de Porto Feliz que entretinham relações commerciaes entre esta e a capitania de Matto Grosso. Refere a tradição que no fim desse seculo, uma dessas monções, que descia de Porto Feliz pelo Tieté, chegando á barra do Piracicaba, resolveu explorar este rio e subiu por elle até o salto, então povoado por indios, attrahidos pela abundancia de peixe. Feita essa exploração, os capitães-mores de Ytú e Porto Feliz, entendendo ser impossivel sahir-se daqui, a não ser por meio dessa difficil e longa viagem fluvial, aproveitaram-se dessa circumstancia e começaram a degradar para cá as pessoas que por lá não lhes agradavam. Mas uma dessas victimas do despotismo, sertanço destimido, embrenhou-se pelos mattos em direcção a Ytú, e, vencendo todos os obstaculos, conseguira chegar ao alto denominado hoje do Samambaia, donde avistou a povoação que o degradara. Por essa direcção abriu-se uma picada e por esta o caminho, que fez este logar perder as vantagens, que o tornavam apropriado para degedro.

Logar de degedro: - eis o que foi Piracicaba em seu berço; mas tambem o vasto paiz de que faz parte, em seus primitivos tempos, não teve melhor sorte.

A povoação primitiva foi estabelecida na margem direita do rio, pouco abaixo do salto, no lugar onde actualmente é pasto da fazenda do Dr. Estevam de Rezende: seus principaes sinão unicos edificios, consistiam em uma pequena capella, casa do padre, e um grande telheiro debaixo do qual os moradores se reuniam para esperar a missa.

Ao que parece, bem pouco tempo permaneceu a povoação nesse lugar, porque em data de 7 de Julho de 1784, o capitão general Francisco da Cunha Menezes, attendendo á representação dos moradores da nova povoação, ordenou ao Capitão-mór de Ytú, Vicente da Costa Taques Góes Aranha que, com o capitão Antonio Corrêa Barbosa, povoador da mesma, e auxiliado pelas pessoas que se quizessem prestar, mudassem a povoação para a margem esquerda do rio, pouco abaixo do salto, por ser ali a terreno mais apropriado á sua situação e desenvolvimento. Em obediencia a essa ordem, no dia 31 do mesmo mez e anno, presentes os mencionados capitão-mór e capitão povoador e muitos moradores, depois de ouvir a missa, dirigiram-se com o padre ao lugar designado e ali, no centro da planície que se eleva entre o correjo Itapeva e a margem esquerda do rio Piracicaba, demarcaram um pateo de quarenta e seis braças em quadra para nelle ser edificada a nova egreja, e assignalaram, aos lados desse pateo, logares para os moradores construirem as suas casas.

Esse serviço do delineamento da nova povoação terminou a 2 de Agosto de 1784, como consta do respectivo termo. O terreno em que se delineou e estabeleceu a povoação, foi doado para esse fim pelo Capitão-povoador Antonio Corrêa Barbosa, e abrangia as terras desde a barra do Itapeva, pouco acima do salto, até sua cabeceira e dahi a rumo até a barranca do rio Piracicaba.

Em execução de plano dado por Nicolau Pereira de Campos Vergueiro, o respeitavel José Caetano Rosa, fallecido aqui a 9 de Dezembro de 1871, fez o arruamento da povoação, cruzando-se todas as ruas em angulos rectos e formando quadras ou quarteirões de 40 braças. Esse plano bem observado até hoje, uma das povoações melhor arruadas da provincia, tendo entre suas ruas uma com o nome de Vergueiro e outro com o do Alfs. José Caetano, justa, embora modesta homenagem prestada aos serviços e á memoria daquelles distinctos cidadãos.

A povoação de Piracicaba foi elevada a freguezia em 1810, e o seu desenvolvimento foi tão rapido que já em 1816 seus habitantes, cujo numero crescia por causa da uberdade do seu vastissimo territorio, reclamavam a sua elevação a villa. A representação que para esse fim dirigiram ao capitão general Conde de Palma e o attestado com que a instruíram, são documentos interessantes porque ministram informações sobre a fertilidade e extensão do territorio que constituia o districto da freguezia, sobre sua crescente lavoura e sobre sua população, por isso os transcrevemos:

«Illustrissimo e Excellentissimo Senhor — Dizem os moradores da freguezia de Piracicaba que, tendo a felicidade de occuparem o terreno mais fertil conhecido e de verem cada dia augmentar o numero dos cultivadores, achando-se ja levantados dezoito engenhos de canna de assucar e mais 12 em disposição de se levantarem, com vinte e duas fazendas de criar, das quaes ha cinco annos só existia uma, e dos engenhos mui poucos; lhes é summamente doloroso verem que a população não pode crescer ao ponto que promettem suas favoraveis circumstancias, nem com aquella disciplina que convem á boa ordem social e serviço de sua Magestade, em quanto não houver naquella Freguezia Justicas que façam observar os beneficis leis e mantenham e socego publico, o que jámais se poderá obter sem que seja erigida em villa. A attestação junta mostra que o numero dos habitantes excede já a dois mil e duzentos, que metade da freguezia pertence á villa de Porto Feliz, donde dista doze leguas, e a outra metade á de Ytú, donde dista quatorze, sem contar a distancia de quarenta ou cincoenta leguas em que para outro lado estão espalhados os moradores. Estas distancias e a mistura das duas jurisdicções (que tambem occasiona graves inconvenientes) mostram com evidencia a necessidade de villa para a qual já basta o numero dos habitantes. A crecção desta villa terá tambem grande influencia nos interesses geraes desta capitania, de Goyaz e Cuyabá porque facilitando o roteamento do sertão desconhecido entre as trez capitancias, fará um dia, e não muito tarde, mais curtas as suas communicacões para o que já se tem avançado muito no roteamento nos campos de Araraquara. E' por tão poderosos motivos que os supplicantes desejam implorar á sua Magestade a mercê de mandar erigir em villa a dicta Freguezia, supplicando ao mesmo tempo a mercê de a denominarem — *Joanina* — por derivacão do Augusto Nome de sua Magestade e em sua perpetua memoria. Sendo, porem, de tanta justiça e de tanto interesse publico a causa dos supplicantes, elles se encontram sem meios de leval-a á Augusta Presença de Sua Magestade em rasão da grande distancia e da falta de relações na cõrte: felizmente conhecem os supplicantes o constante e activado zelo com que Vossa Excellencia serve a Sua Magestade e promove os interesses desta capitania e por isso, nas circumstancias ponderadas, não duvidam merecer a mediação de Vossa Excellencia em objecto que toca a tantos interesses dignos de attenção; é nestes sentimentos que os supplicantes recorrem e pedem a Vossa Excellencia sirva-se levar á Augusta Presença de Sua Magestade a petição dos supplicantes, parecendo-lhe digna da mercê que imploram. E receberão mercê.»

O attestado que acompanhou esta representacão e a que á mesma se refere foi concebida nos seguintes termos:

Manoel Joaquim do Amaral Gurgel, vigario collado da Freguezia de Piracicaba, e Domingos Soares de Barros, capitão-commandante da mesma, attestamos o seguinte: — A Freguezia de Piraci-

eaba está situada sobre uma planície elevada, sobre o rio do mesmo nome, onde este faz um fermoso e grande salto, do qual facilmente se conduz agua para banhar um lado da freguezia e tocar todas as machinas possiveis. Seu territorio está parte no districto da Villa de Ytú, donde dista 14 leguas, e parte no da Villa de Porto Feliz, donde dista 12 leguas, ficando estas villas ao sul. A leste confina com a Villa de S. Carlos (Campinas), que dista 10 leguas. Ao norte tem moradores até sete dias de viagem e segue adiante o sertão desconhecido que confina com Goyaz e Guyabá. A oeste tem moradores até cinco leguas pelo rio abaixo e segue o sertão do mesmo rio do Tieté e Paraná. O terreno é fertilissimo, abunda muito em massapé roxo, o marne, o mais proprio para produção da canna de assucar.

Ao norte tem os campos de Araraquara, de que ainda se não conhece a extensão, muito propios para a criação de gados. Tem ao presente mais de duas mil e duzentos almas, não tendo ha cinco annos talvez, a metade, e está crescendo de dia a dia com povoadores que vêm de fora, attrahidos pela fertilidade do terreno. Tem ao presente quatorze engenhos de assucar pela maior parte fabricados de novo, quatro de aguardente e estão se dispondo mais doze, tendo capacidade para um numero incomparavelmente maior. Tem vinte e duas fazendas de criar, de que ha oito annos só existia uma. No meio de circumstancias favoraveis, que promettem o rapido crescimento d'esta povoação, sentem os moradores pacificos grande incommodo e vexação na grande distancia a que precisam recorrer a procurar a protecção das leis por meio dos magistrados: e por isso nos parece de grande necessidade erigir-se em Villa. Por ser verdade todo o referido, passamos a presente attestação por um de nós escripta e por ambos assignada.

Piracicaba, 17 de Junho de 1816 — Manoel Joaquim do Amaral Gurgel — Domingos Soares de Barros.»

Sobre esta representação foram ouvidas as camaras de Ytú e Porto Feliz, e o ouvidor da camara, Miguel Antonio de Azevedo Barros, que informaram em sentido favoravel; mas ella só foi attendida em 1821, pelo governo provisório desta provincia, o qual, por portaria de 31 de Outubro desse anno, mandou erigir a Freguezia de Piracicaba em Villa, porem, em vez de dar-lhe o nome de Villa *Joanina* — por derivação do Augusto Nome de Sua Magestade em sua perpetua memoria, como haviam pedido seus habitantes, deu-lhe o nome de — Villa Nova da Constituição — em attenção e para perpetuar a memoria da Constituição portugueza, promulgada nesse anno, a qual aliás bem pouco durou.

Em execução dessa portaria, o ouvidor de Ytú, João de Medeiros Gomes, transportou-se para esta povoação e no dia 10 de Agosto de 1822 erigiu em Villa com a denominação de — Villa Nova da Constituição — em presença de grande concurso de povo, convocado

por edital e que mostrou grande alegria e satisfação pela erecção da villa e sua denominação, como attesta o respectivo auto.

No mesmo dia, com assistencia de grande parte da nobreza e povo da nova villa, o ouvidor mandou levantar o pelourinho, como signal de jurisdicção, alçada e respeito á justiça, dando por essa occasião *vivas* á sua Alteza Real, ás côrtes, e á Constituição, como consta do auto, que se lavrou e foi assignado pelo ouvidor, vigário e outras pessoas.

Eleita e empossada a primeira camara da villa, no dia 13 de Agosto do mesmo anno, o ouvidor e a camara em observancia ás ordens do governo provisório, demarcaram o rocío do villa, tomando como centro o pelourinho e medindo quatro ramos de um quarto de legua cada um, em cujas extremidades ficou-se um marco. Tendo o rocío abrangido terras possuidas e cultivadas de um lado pela familia Arruda Botelho e do outro pelo Tenente-coronel Theobaldo da Fonseca e Souza, thali nasceram entre estes e seus successores e a camara ou o povo innumeradas questões, as quaes cessaram ha poucos annos. Por occasião da elevação á villa a povoação de Piracicaba constava de cento e quatro vizinhos, sendo a população esparsa pelo seu districto de duas mil e duzentos almas.

O municipio de Piracicaba tomou parte activa na revolução de 1842, fornecendo um contingente para a columna revolucionaria da Venda grande.

Em 1856 a Villa da Constituição foi eleada a cidade com o mesmo nome, e a lei provincial de 30 de março de 1858 creou a comarca da Constituição, comprehendendo o termo desta cidade e os de Capivary, Porto Feliz e Pirapora. Actualmente a comarca consta de um só termo.

Não obstante as pês e as innumeradas difficuldades oppostas pela centralisção, que em nosso paiz vac ao ponto de extinguir a autonomia municipal reduzindo-a a verdadeiro simulacro, a povoação tem crescido, suas edificações têm melhorado e o seu municipio figura entre os mais importantes do oeste da provincia, tantos e tão poderosos são os elementos de prosperidade, que encerra, os quaes vão se desenvolvendo embora lentamente.

Para promover o seu desenvolvimento, o municipio conta actualmente com dois poderosos auxiliares: a estrada de ferro que ahi está em trafego, desde Fevereiro do corrente anno, pondo em rapida communicação com a capital, a côrte e o porto de Santos, e a navegacção fluvial, a vapor, cujos serviços regular e promettido para breve e que o porá em contacto com os municipios de Lençóes, Jahú e outros ribeirinhos do Tieté. E convem notar que para a construcção da estrada de de ferro este municipio forneceu á companhia Ytuana cerca de seiscentos contos de reis, sem garantia de juros por parte do governo; isso quando nenhuma estrada se construía na provincia sem essa garantia. A directoria daquella companhia disse aos piracicabanos que traria um ramal de sua estrada de ferro

até esta cidade em dezoito mezes, si elles contribuissem com seiscentos contos de reis; os piracicabanos movidos por sincero enthusiasmo patriótico promoveram uma reunião em Abril de 1872 e só nessa reunião subscreveram a quantia que d'elles se reclamava como condição para dotar o seu município com aquelle melhoramento.

A estrada, em vez de custar mil e duzentos contos de reis como não se calculava erradamente, custou cerca de trez mil contos e em vez de concluir-se em dezoito mezes, como á hespanhola, se prometia, só concluiu-se depois de uma longa expectativa de mais de quatro annos, e isso mesmo graças ao auxilio prestado pelo governo da provincia á companhia...

A lei provincial n.º 21 de 1.º de Abril do corrente anno, attendendo á justa representação da camara municipal, restituiu a esta cidade o seu antigo, popular e acertado nome de Piracicaba, o qual do salto se extendêra a todo o rio, e dahi á povoação fundada em sua margem, o que fôra em 1822 substituido pelo nome convencional de Constituição.

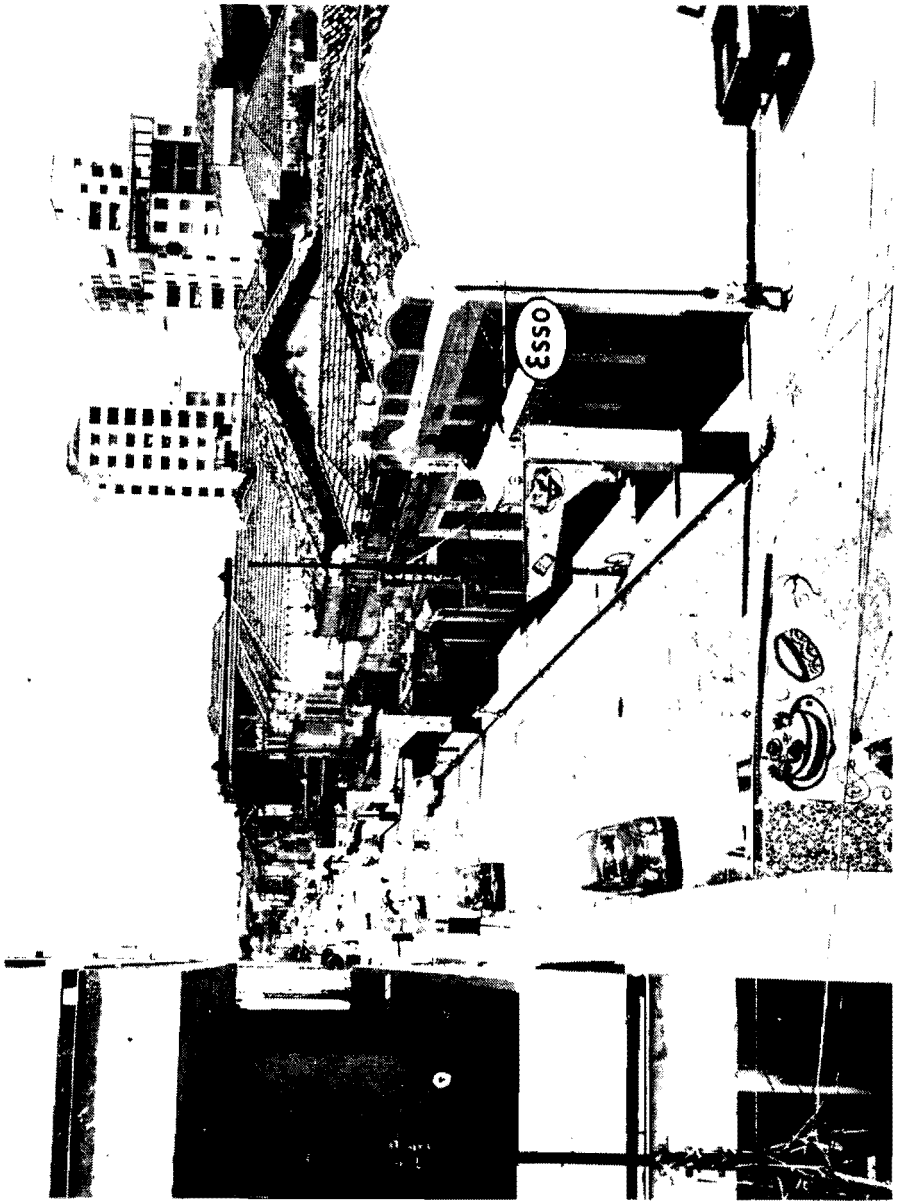
Terminamos aqui estes ligeiros apontamentos, que poderão ser aproveitados por alguém, que se proponha a escrever a historia deste município.

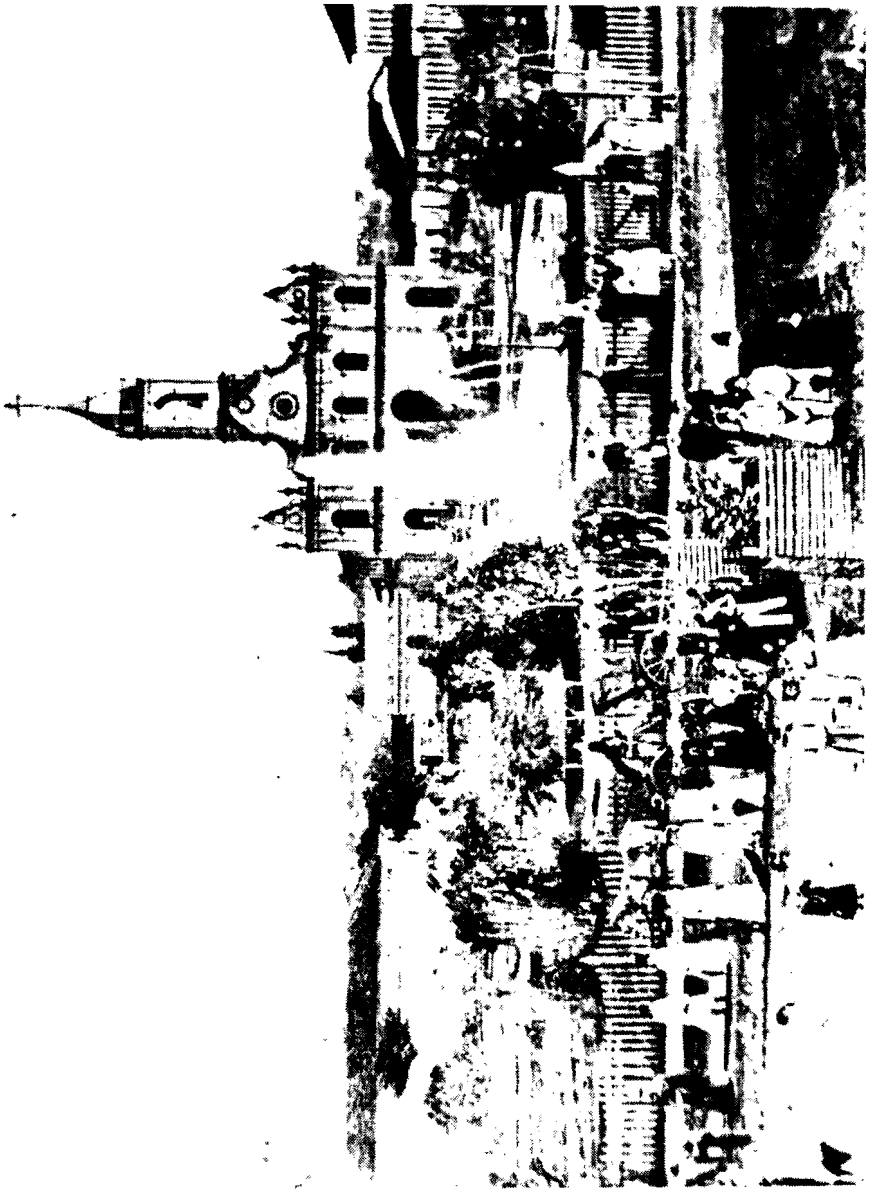
Piracicaba, 4 de Setembro de 1877.

Prudente de Moraes

(Do Almanak Litterario da Provincia de S. Paulo, anno de 1878)









Piracicaba

ESTADO PRESENTE

Piracicaba é uma palavra guarani composta de *pira*, peixe e *cicaba*, fim, significando que aqui acaba-se a abundancia de peixe que acima do salto desta cidade já não é abundante.

O nome foi primitivamente dado ao salto, do qual estendeu-se a todo o rio, e do rio á cidade, que lhe adorna a margem esquerda.

Á proporção que a estação do anno vae se tornando mais quente os peixes vêm subindo do sertão pelo Tieté; chegando á barra do Piracicaba, tomam por este por encontrarem melhor fundo, posto seja melhor o volume de suas aguas, sendo o Tieté ali abaixo espraído razão por que o salto desta cidade é muito mais peixoso que o de Ytú. Pelos mezes de Outubro, Novembro e Dezembro chegam ao salto, onde param, impossibilitados de continuar a subida, tentando vencel-as aos pulos: ali principalmente deixam-se pescar em grande quantidade.

De Fevereiro em diante começa a torna-viagem para o sertão afim de escaparem-se á estação fria. Quando a estação corre branda e o frio não é intenso conservam-se nestas paragens, e esta cidade então goza de abundancia de peixe durante o anno todo como aconteceu no corrente. Quando, porém, o frio é extraordinario os peixes miúdos morrem em grande quantidade, como em 1871.

Os peixes maiores são os de couro - *Juhú*, que chega a ter dez palmos e o *piravamburú*, ou pintado. Os mais saborosos são: o *manchojiva*, *pyjuca*, *piravajubi*, o dourado -- o mais abundante de todos é o redondo *pacú* guassú, cada vez mais raro. Dos pequenos, é grande a variedade.

O rio Piracicaba forma-se pela confluencia do Jaguary e Atibaia e vae lançar-se no Tieté quatorze leguas abaixo desta cidade, as quaes percorre com um muito sinuoso curso de 27 leguas, segundo o relatorio do capitão-mente Antonio Mariano de Azevedo.

Esta cidade é uma das mais bellas da provincia. Assentada em uma alta esplanada, que declina branda e longamente até o rio, offerece por todos os lados aos olhos do observador encantado as mais lindas paisagens e vastos panoramas de verde-negra vegetação. Sobre-saem por sua maravilhosa belleza a vista risonha e aprazível do salto, que eleva-se em degraus, espraído, semelhante um

gigantesco throno de prata: a do rio abaixo em que o rio, ha pouco revoltto e furioso, encontra as pedras, que lhe empreiam o transitto, corre agora mauso e sereno em vasta e magestosa curva toda orlada pelas casinhas brancas da rua do Parto: e a da estação da estrada de ferro, que domina o valle todo do rio, tendo ao longe, á direita, o morro azul--o mais rico torrão do Brazil inteiro, em frente a extensa serra de S. Pedro, e á esquerda a do Congonhal.

Para o lançamento do imposto pessoal em Novembro de 1871, foram contadas as casas da cidade por sua numeração, e achadas em numero de 855, destribuidas por 28 ruas--todas rectas e com 60 palmos de largura, parallellas ou transversaes em angulos rectos--formando quadras ou quarteirões de 40 braças por face. Que escapassem nessa contagem cincoenta casas por não numeradas e estarem dentro dos quarteirões, com as novamente construidas o seu numero com certeza não é inferior a 1.000. A população urbana, tomando por base 5 habitantes para cada casa (em Campinas tomaram por base 6), é de 5.000 habitantes. O recenseamento, manifestamente deficiente dava-lhe a população de 4.126 almas. Segundo o mesmo recenseamento a população da parochia é de 15.783 almas, e a da parochia de S. Pedro 3.227--o que dá para o municipio 19.010 que sem perigo de errar podemos elevar a 20.000 almas. Depois de Campinas e Sorocaba a mais populosa cidade do oeste e sul da provincia.

Possue 3 egrejas--a Matriz que é decente, Bôa Morte e S. Benedicto,--ambas por concluir: extra-muros um vasto cemiterio sob a conclusiva administração da municipalidade, com uma parte reservada para os acatholicos: theatro, todo de tijollos, com 130 palmos de comprido por 80 de largo casa da camara e cadeia--verdadeiro pardieiro em ruinas. Está já contractada pelo governo provincial a construcção de outra sob planta e orçamento de 36:000\$000 levantadas pelo Dr. Elias Fausto Pacheco Jordão.

E' magnifica a ponte sobre o Piracicaba, logo acima do salto, apoiada sobre 13 pilares de pedra e cimento. Custou 84 ou 85 contos e não foi cara, o que é uma verdadeira anomalia em nossas obras publicas provinciaes e geraes. Devendo ser obra municipal--construida á custa e sob a fiscalisação da municipalidade, foi construida por ordem e á custa do governo provincial; e si custou só o que devia custar foi porque o presidente de então, Dr. João Theodoro Xavier teve a facilidade de encontrar um homem de bem, o Dr. Estevam de Rezende que, incansavel, arrostando todas as intempéries e desprezando seus proprios interesses, poz-se á tosta de sua administração até concluiu-a.

A não ser isto, ou não ter-se-ia feito, ou teria custado até o triplo do seu valor, como custaram as obras de mero luxo e embellimento construidas na capital.

-Logo abaixo do salto, está a importante fabrica de tecidos do Snr. Luiz Vicente de Souza Queiroz com 50 teares, e 2.500 fusos,

70 operarios, e capacidade para produzir 2.400 metros de panno diariamente.

Existem na cidade 5 escholhas publicas, 2 para o sexo masculino e 3 para o feminino, algumas escholhas particulares e o Collegio S.^{ta} Sophia, sob a direcção do Sr. Julio Huffenbaecher, onde as meninas aprendem francez, geographia e piano; um gabinete de leitura, com mais de 2.000 volumes, regularmente aproveitado pela população, que agradece tão importante beneficio ao estimado negociante portuguez José Teixeira Mendes, auxiliado pelo Dr. Brazilio Machado: e duas typographias, em que são editados *O Piracicabano*, bisemanal, e *O Piracicaba*, semanal.

O municipio confina ao norte com os municipios de Brotas, Rio Claro e Limeira; a leste com o de Santa Barbara; ao sul com os de Capivary e Tieté, e ao poente com o de Botucatu: tem de comprimento 12 leguas das divisas de Santa Barbara ás de Brotas, e de largura 8 das divisas do Rio Claro ás de Tieté, o que dá-lhe uma área approximada de 96 leguas quadradas, sufficientes para alimentar uma população de 400 mil almas, si esta fosse tão compacta como a da Belgica.

De área tão extensa, é insignificante a parte imprestavel para a lavoura, occupada por campos e carrascaes. A sua quasi totalidade é coberta de uma vegetação esplendida e luxuriante e consta destas tão justamente afamadas terras roxas em extensão de leguas e leguas, de terras barrentas de pederueiras e calcareas, e terras arenosas que todas prestam-se ao cultivo do café, quando altas e livres de geadas e sempre ao de generos alimenticios, de que são muito productivas.

Este aspecto geral das terras do municipio contrasta singularmente com o de outros, aliás muito importantes, como Rio Claro, S. Carlos do Pinhal, Belém do Descalvado, Pirassununga, Casa Branca etc., cujo aspecto geral é campos e carrascaes e só por excepção tem alguns espigões e serrotes de terras lavradas.

O resultado é que a producção de generos alimenticios aqui excede de muito ao consumo local, e é exportado para Rio Claro, Campinas e Ytú. Corram algumas dezenas de annos e Piracicaba será o colleiro da vizinhança, (menos de Capivary, que tambem é um ovo de bom e de pequeno). A fazenda do Pinhal, do commendador Aguiar de Barros, colheu, em um anno, de 10 alqueires, de planta de feijão mil alqueires! Seria um grande beneficio para o municipio e para a estrada de ferro si esta reduzisse a tarifa dos generos alimenticios, tanto que pudessem ser exportados com vantagem do plantador: si assim fosse, não se veria vender aqui pelas ruas da cidade, como aconteceram este anno, milho a 800 réis o alqueire (40 litros), farinha de milho a 1\$280 e feijão a 1\$(000!

A grande, a principal riqueza do municipio é a lavoura do café. Sua producção regula, termo médio, 200 mil arrobas de 15 kilos, segundo um apanhamento escripturoso feito por varios lavradores da

colheita média de cada plantador. A que actualmente se está fazendo deve exceder áquelle algarismo.

A despesa total de uma arroba (15 kilos) de café, vendido em Santos, pagando duas commissões, é 1\$200 a 1\$300.

Esta lavoura é comparativamente nova no municipio, que ainda continuava a plantar canna de assucar quando já ha muito Limeira e Rio Claro plantavam café. Existe ainda muita terra alta e livre á espera do precioso arbusto: as das nascentes povoações de S. Pedro e Santa Maria agóra é que estão sendo conhecidas e attraíndo a attenção.

Quanto á productividade, pôde arrostar a comparação com qualquer outro municipio, ainda o mais pretencioso, que apresente os seguintes exemplos. Viuva Viegas e Viegas Jort colheram de 54 mil pés 10 mil arrobas; o finado Antonio Francisco do Amaral colheu de 7 mil pés 1.600 arrobas; o conselheiro Costa Pinto colheu na fazenda de Corumbataly de 10 mil pés 2.600 arrobas, e outros pouco inferiores.

A produção de assucar orça por 50 mil arrobas, ou 750 mil kilos em 25 engenhos grandes e muitos pequenos.

A produção do algodão vae em decadencia, e, depois de ter sido muito avultada, hoje talvez não baste para o consumo da fabrica do Snr. Queiroz, que para animar a plantação acaba de offerecer 2\$000 por arroba, bruto.

Ha 27 machinas a vapor, quasi todas da força de 8 cavallos e empregadas nos engenhos de beneficiar café.

Foram matriculados na collectoria desta cidade 5.339 escravos; é o terceiro municipio da provincia em numero de escravos, sendo o primeiro o de Campinas com 13.412, e o segundo o de Banaual, com 8.141.

Ainda em 1870 a estrada de ferro em Piracicaba era uma utopia; hoje é uma realidade, e ella nos põe a meio-dia de viagem da capital.

Não ha muito só tinhamos Correio de 10 em 10 dias, hoje tem-o diario.

A navegação fluvial pelo Piracicaba e Tieté até Lençóes uma extensão de 21 leguas por terra e 35 por agua, e que parece firmada ao menos por seis mezes em cada anno, vae abrir-nos as portas do sertão e tornar esta cidade em um emporio dos seus productos.

Estas toscas informações terão mais importancia no futuro do que no presente: prestadas com sincero desejo de dizer a verdade, sem a menor exaggeração, ellas servirão para os vindouros, daqui a 50 ou 100 annos ajuisarem do que foi Piracicaba.

Alguma coisa temos feito; muito, porém, temos ainda por fazer. São innumeros os elementos de prosperidade que possuímos. É grandioso o futuro que nos espera. E nós o conquistaremos.

Para isso não pedimos a protecção do governo: pelo contrario, pedimos-lhe que se afaste e nos destranque o caminho — abolindo esses odiosos e absurdos privilegios de Religião e casamento que impedem a viada de braços para arrotearem as nossas uberrimas terras; deixando de ser o escoadouro de nossas rendas, que nos arranca para esbanjar na capital e principalmente na Côrte: enfim, que nos entregue a nós mesmos,—*que se tire de nosso sol.*

Piracicaba, Agosto de 1877.

M. de Moraes Barros.

(Do Almanak Litterario de S. Paulo, do anno de 1878.)





LEI N.º 301, DE 17 DE JUNHO DE 1952

“Institui o “Dia de Piracicaba”
e o Brasão de Armas da cidade).

Artigo 1.º — Fica declarado “Dia de Piracicaba”, o dia 1.º de Agosto, data da fundação da cidade pelo povoador Antonio Corrêa Barbosa, no ano de 1767.

§ Único — A data da fundação da cidade será todos os anos, con-
dignamente comemorada, devendo as festividades revestir-se de um
cunho eminentemente patriótico.

Artigo 2.º — A Lei orçamentária determinará, em cada ano, a
verba necessária para as comemorações.

Artigo 3.º — Fica instituído o “Brasão de Armas” do Município
de Piracicaba, como símbolo de suas tradições e cujo uso, em timbre,
será obrigatório em todas as repartições municipais.

o 1.º — O “Brasão de Armas” terá um escudo em campo azul,
cortado por duas faixas de prata, postas em aspas, vendo-se numa
delas peixes vermelhos e na outra uma cabeça e um braço. O escudo
é encimado por uma coroa mural de cidade, em ouro, que tem por
timbre a cruz de Cristo, circundada por uma faixa de prata. Guar-
necem o conjunto: feixe de cana e ramo de café. A base do Brasão,
escrito em vermelho sobre faixa branca, o dístico: “Audax in inte-
lectu et in labore”.

§ 2.º — A descrição é a seguinte:

1 — Coroa mural e timbre (Cidade Cristã).

Repousando sobre o escudo a coroa mural evidencia que os ele-
mentos dispostos no Brasão se referem a uma cidade — Piracicaba.

Cidade fundada e erigida sob os mais altos princípios do Cristia-
nismo, Piracicaba, que tem tido sempre em todos os momentos de sua
vida, o pensamento voltado para Deus, não poderia deixar de ter
como símbolo augusto de proteção, a cruz de Cristo. Esta aparece
como timbre abrindo seus braços sobre a cidade.

Símbolo imoredouro da fé a cruz é envolvida pelo círculo, sinal
que traduz o infinito, a eternidade. De sua fundação aos dias de
hoje, dos momentos de agora aos instantes futuros, sempre, a cruz do
Cristianismo a proteger e a inspirar os sonhos cristãos, da cidade
cristã.

2 — O escudo (A Terra e o Homem).

No interior do escudo, dispostos em aspas, tomam posição de
relevo: o essencial elemento geográfico do Município o Rio e o Ho-
mem. Aquele um exemplo vivo da natureza a inspirar o trabalho do
Homem; este sorvendo as lições do seu Piracicaba onde, em cada
movimento vê um exemplo de audácia, e, em cada momento, a posi-
tização de um esforço, a realização de um trabalho. É tão grande a
importância desse rio na vida de Piracicaba que até o seu próprio
nome de cidade, dele lhe veio.

Talvez na época do bruto sertão, nas paragens onde se levanta a cidade de hoje, os indomáveis paiaguás já houvessem auscultado o sentido grandioso das águas desse rio, dele tirando seu padrão de vida: vivos trabalhadores, intrépidos, incansáveis nas suas lutas.

O Rio — numa das faixas, em posição inclinada, no sentido da cachoeira, peixes dispostos em cardume, cortam a sua massa líquida, num trabalho conjunto, constante e construtivo, no sentido de, vencendo os muitos obstáculos e a impetuosidade das águas vencer também, galhardamente, a vida. Também nos rios os velhos bandeirantes puseram à prova todo o seu potencial de inteligência e de bravura, conquistando a golpe de tenacidade e de astúcia, maior expressão de grandeza para o nosso patrimônio territorial de hoje.

O rio tem tido parte ativa de singular importância, na vida da gente piracicabana, porque nela vem refletindo, com real e inegável distinção, a força de seus caracteres essenciais.

O Homem — Na segunda faixa, também inclinada como que a responder em eco ao significado da primeira, no imenso caudal da vida, o homem citadino, seguindo o exemplo da natureza, que o ensina e que lhe é vizinha assimilando as lições que Deus lhe vem dando através do essencial elemento geográfico, da terra piracicabana, apresenta-se resoluta para desenvolver com o seu cérebro (cabeça) e com a sua força física (braço) serviços construtivos de paz. Forte, inteligente, vigilante, impetuoso, tanto física como intelectualmente, tem sido o homem piracicabano, no decurso da história de sua terra natal. Consequências naturais do meio ambiente que o convida e predis põe para a luta.

3 — Legenda (retrato espiritual).

Em baixo do escudo, na faixa branca, a legenda sintética dos motivos do escudo acima descritos, que vem demonstrar a ação segura do homem a serviço da terra e do bem comum, diante dos olhos atentos do mundo civilizado: — audacioso na inteligência e no trabalho (Audax in intellectu et in labore).

4 — Guarnição (produções da terra).

Em função puramente decorativa, à base de conjunto total, e partindo da faixa branca, dois elementos vegetais circundam o escudo: cana e café exemplares de projeção destacada na produção agrícola do Município.

Artigo 4.º — Revogam-se as disposições em contrário.

Prefeitura MUNICIPAL DE PIRACICABA, aos 17 dias do mês de Junho de 1952

a) Samuel de Castro Neves
Prefeito Municipal

BANDEIRA DO MUNICÍPIO

LEI N.º 381 DE 2 DE OUTUBRO DE 1953

(Dispõe sobre a instituição da
Bandeira do Município)

Samuel de Castro Neves, Prefeito Municipal desta cidade e Município de Piracicaba, usando das atribuições que lhe são conferidas por lei.

Faço saber que a Câmara Municipal aprovou e eu sanciono e promulgo a seguinte.

LEI n.º 381

Artigo 1.º — Fica instituída a bandeira do Município de Piracicaba.

Artigo 2.º — O seu campo será em verde veronese, tendo no seu centro o seu brasão de armas, abrangido por um círculo em branco.

Artigo 3.º — O seu uso será obrigatório nas repartições municipais nos feriados nacionais, estaduais e locais.

Artigo 4.º — Esta lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Prefeitura Municipal de Piracicaba, aos dois dias do mês de outubro de mil novecentos e cinquenta e três.

a) Samuel de Castro Neves
Prefeito Municipal

Publicada na Secretaria da Prefeitura Municipal de Piracicaba, em dois de outubro de mil novecentos e cinquenta e três.

a) Antonio, Franco de Lima Junior
Secretário — Diretor

BRASÃO E ARMAS DA CIDADE

LEI N.º 1491, DE 3 DE JULHO DE 1967

(Altera o Brasão de Armas do
Município de Piracicaba)

Eu, Luciano Guidotti, Prefeito do Município de Piracicaba, usando das atribuições que me são conferidas por lei.

Faço saber que a Câmara Municipal aprovou e eu sanciono e promulgo a seguinte.

LEI n.º 1491.

Artigo 1.º — O parágrafo 1.º do artigo 3.º da Lei n.º 301, de 17 de junho de 1952, passa a ter a seguinte redação:

“O Brasão de Armas terá um escudo em campo azul, cortado por duas faixas de prata, postas em aspas, vendo-se numa delas peixes vermelhos em cardume e na outra uma cabeça e um braço. O escudo é encimado por uma coroa mural de cidade, em prata, que tem por escudete a Cruz de Cristo, circundada por uma faixa amarela. Guarnecem o conjunto: feixe de cana e ramo de café. A base do Brasão, escrito em branco sobre faixa azul, o dístico: “AUDAX IN INTELLECTU ET IN LABORE”.

Artigo 2.º — O Brasão de Armas a que se refere o artigo 2.º da Lei n.º 381, de 2 de outubro de 1953, que dispõe sobre a instituição da Bandeira do Município, passa a enquadrar-se no disposto no artigo anterior.

Artigo 3.º — Esta lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Prefeitura do Município de Piracicaba, aos três dias do mês de julho de mil novecentos e sessenta e sete.

a) Luciano Guidotti
Prefeito Municipal

Publicada na Diretoria Administrativa da Prefeitura do Município de Piracicaba, em três de julho de mil novecentos e sessenta e sete.

a) Elias Salum
Diretor.